

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM**

NELY DAYSE SANTOS DA MATA

**ADOLESCENTES HOMOSSEXUAIS E AS RELAÇÕES COM SEUS
FAMILIARES: um enfoque da fenomenologia social**

**SÃO PAULO
2016**

NELY DAYSE SANTOS DA MATA

**ADOLESCENTES HOMOSSEXUAIS E AS RELAÇÕES COM SEUS
FAMILIARES: um enfoque da fenomenologia social**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Enfermagem PPGE-EEUSP da Escola de
Enfermagem da Universidade de São Paulo para
obtenção do título de Doutora em Ciências

Área de concentração: Cuidado em Saúde

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Miriam Aparecida Barbosa
Merighi

**SÃO PAULO
2016**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO,
POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E
PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Assinatura: _____

Data: ___/___/___

Catlogação na Publicação (CIP)
Biblioteca “Wanda de Aguiar Horta”
Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Mata, Nely Dayse Santos da

Adolescentes homossexuais e as relações com seus familiares:
um enfoque da fenomenologia social / Nely Dayse Santos da Mata.
São Paulo, 2016.

104 p.

Tese (Doutorado) – Escola de Enfermagem da Universidade de
São Paulo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Miriam Aparecida Barbosa Merighi

Área de concentração: Cuidado em Saúde

1. Enfermagem. 2. Pesquisa qualitativa. 3. Adolescência. 4.
Homossexualidade. 5. Relações familiares. I. Título.

Nome: Nely Dayse Santos da Mata

Título: ADOLESCENTES HOMOSSEXUAIS E AS RELAÇÕES COM SEUS FAMILIARES: um enfoque da fenomenologia social

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Ciências.

Aprovada em: ___/___/___

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais, Maria Carmen Silva dos Santos (in memoriam) e Agostinho Ferreira dos Santos. Com vocês aprendi que todo movimento na vida é sempre circular e isso me ajudou a valorizar o verdadeiro sentimento de amor e responsabilidade para com o próximo.

Ao meu esposo, Edmar Ângelo Resende da Mata, e a nossa filha, Bárbara Santos da Mata, que sempre me apoiaram em todas as etapas desse momento de construção e sei que são pessoas com quem posso contar sempre. Tiveram amor, paciência e atenção.

Dedico aos jovens adolescentes que participaram desta pesquisa, pela confiança que depositaram em mim, ao contarem suas vivências. Meus sentimentos de profundos agradecimentos.

Todos representam a importância das relações sociais no mundo da vida.

Agradecimentos Especiais

Em primeiro lugar, agradeço ao Grande Arquiteto do Universo – Deus, por me conceder essa experiência única durante a caminhada da busca do conhecimento e também por conhecer estas duas mestras a seguir.

À minha orientadora, Professora Doutora Miriam Aparecida Barbosa Merighi, por ter me dado a oportunidade de construir e realizar esse sonho. Durante esses períodos de convivência, você me mostrou o verdadeiro caminho do conhecimento científico e a crescer como ser humano e profissional. Agradeço por não desistir de mim, pois foi uma experiência única diante de obstáculos encontrados, mas, com sua experiência, motivou-me a continuar. Obrigada pela sabedoria, você sempre será lembrada por ser uma grande mestra.

Agradeço à Professora Doutora Maria Cristina Pinto de Jesus, pela prontidão em me ajudar, pelo auxílio nessa construção e nos momentos difíceis. Não tenho palavras para agradecer o benefício que seu conhecimento científico e a sua bondade me proporcionaram. Você é um ser iluminado, que já faz parte da minha vida.

Agradecimentos

Ao doutorando Marcelo Henrique da Silva, que contribuiu muito com o aprimoramento deste trabalho. Você é um ser único, pautado de bondade e sabedoria, meu muito obrigada.

Às amigas Selisvane Ribeiro da Fonseca Domingos e Samara Macedo Cordeiro pelas trocas enriquecedoras, muitas contribuições e, acima de tudo, a amizade.

À Doutora Deise Moura de Oliveira por contribuir para o desenvolvimento deste trabalho desde a qualificação. Seu olhar fenomenológico foi essencial.

Às minhas amigas pelo apoio e incentivo na minha caminhada e, em especial, Luzilena de Sousa Prudêncio Rohde, que, desde o mestrado, incentivava-me a trilhar por esse caminho da pesquisa, compartilhando sugestões, apoio moral e conhecimento científico. Obrigada pela amizade, por ser um ser de luz no meu caminho.

Aos professores Doutores José Carlos Tavares Carvalho, Liudmila Miyar Otero e Anneli Mercedes Celis de Cárdenas da Universidade Federal do Amapá/UNIFAP pelo empenho para fazer acontecer esse doutorado em parceria com a USP. Obrigada, professores, pela dedicação na coordenação do doutorado, proporcionando-nos a conclusão dessa vitória.

Às professoras doutoras da Universidade de São Paulo/USP Margareth Ângelo, Miriam Aparecida Barbosa Merighi, Elizabeth Fugimore, Maria Rita Bertolozzi, Luiza Akiko Hoga, Cássia Baldini, Sônia Barros, Marcia Aparecida Ferreira de Oliveira, Maria Luiza Riesco, Anna Maria Chiesa, Elma Loudes Campos Pavone Zoboli pela parceria, brilhantismo e humildade em compartilhar o conhecimento científico tão respeitado no campo da ciência em todo o Brasil.

À minha amiga Marluce Meireles Chermonth pela compreensão e minha liberação quando precisava me afastar do serviço para continuar meus estudos. Meu muito obrigada.

“Não são os da consanguinidade os verdadeiros laços de família e sim os da simpatia e da comunhão de ideias, os quais prendem os espíritos antes, durante e depois de suas encarnações”.

Allan Kardec

Mata, NDS. Adolescentes Homossexuais e as relações vividas com seus familiares: um enfoque da fenomenologia social [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2016.

RESUMO

Introdução: a adolescência é considerada um período de transformação em que ocorrem mudanças biopsicossociais, incluindo a vivência da sexualidade. Na adolescência, a homossexualidade pode ser causadora de graves conflitos familiares. Nesta fase da vida, a discussão sobre a homossexualidade configura-se como um assunto complexo e delicado de ser tratado, entretanto essa discussão abre oportunidades e caminhos para a compreensão da diversidade da sexualidade humana, considerando sua interface com as questões que envolvem a saúde física, mental e a socialização dos jovens. Neste contexto, faz-se necessário incluir os familiares dos adolescentes porque a família constitui a base para a formação do ser humano na sociedade. **Objetivo:** compreender a vivência de adolescentes homossexuais frente às relações com seus familiares. **Método:** estudo qualitativo ancorado na fenomenologia social de Alfred Schütz, realizado com 12 adolescentes homossexuais de ambos os sexos, residentes na cidade de Macapá/Amapá/Brasil. Os depoimentos foram coletados em setembro e outubro de 2015, por meio de entrevistas com as seguintes perguntas orientadoras: Conte-me como foi que você percebeu a sua orientação homossexual. Considerando sua orientação homossexual, conte-me sobre sua vivência com seus familiares. O que você espera do convívio com seus familiares? A análise dos dados foi realizada em conformidade com os passos utilizados pelos pesquisadores da fenomenologia social. Obtiveram-se os depoimentos após a aprovação no Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Amapá, sob o Parecer nº 1.197.641, em 24 de agosto de 2015. **Resultados:** a análise dos depoimentos permitiu a elaboração de categorias que representam as características típicas da vivência dos adolescentes homossexuais: aquele que, desde a infância, percebe-se com uma orientação sexual diferente das pessoas do mesmo sexo. A revelação ou não da homossexualidade aos familiares desencadeou dúvidas, inseguranças, gerando um relacionamento conflituoso no seio familiar. Em meio à diversidade vivida em âmbito familiar, eles têm como expectativa ter a orientação sexual aceita pela família, conquistar independência financeira e manter os laços familiares. **Conclusões:** a vivência de adolescentes homossexuais frente às relações com seus familiares explicitada nesta investigação pode desdobrar-se em reflexões que promovam intervenções no campo da assistência social e de saúde, educação e pesquisa, visando à inclusão desses adolescentes nos diversos cenários sociais, considerando o respeito à diversidade afetivo-sexual.

PALAVRAS-CHAVE: Enfermagem. Pesquisa Qualitativa. Adolescência. Homossexualidade. Relação familiar.

Mata, NDS. Homosexuals Adolescents and relationships lived with their relatives: an approach of social phenomenology [thesis]. São Paulo: School of Nursing, University of São Paulo; 2016.

ABSTRACT

Introduction: Adolescence is considered a period of transformation that occur biopsychosocial changes, including the experience of sexuality. In adolescence, homosexuality may cause serious family conflicts. At this stage of life, the discussion of homosexuality is configured as a complex and delicate subject to be treated, however this discussion opens opportunities and ways for understanding the diversity of human sexuality, considering its interface with the issues involving mental, physical health and socialization of young people. In this context it is necessary to include the relatives of adolescents considering that the family is the basis for the formation of the human being in society. **Objective:** To understand the experience of adolescent homosexuals in the relationships with their families. **Method:** A qualitative study anchored in the social phenomenology of Alfred Schütz, held with twelve adolescents homosexuals of both sexes that live in the city of Macapá / Amapá / Brazil. The statements were collected in September and October 2015, through interviews with the following guiding questions: Tell me how did you perceive your homosexual orientation. Considering your homosexual orientation, tell me about your life with your family. What do you expect living with their families? Data analysis was carried out in accordance with the steps used by the researchers of social phenomenology. We obtained the statements after to be approved in the Ethics and Research Committee of the Federal University of Amapá, under the number 1.193.598, on August 24, 2015. **Results:** The analysis of statements allowed the elaboration of categories that representing the typical characteristics of the experience of homosexual adolescents: That one who since childhood see himself with a different sexual orientation of the people of the same sex. The revelation or not about homosexuality to family has triggered doubts, insecurities, generating a conflictual relationship in the family. Amid the diversity lived in the family there is the expectation to have sexual orientation accepted by the family, gain financial independence and maintaining family ties. **Conclusions:** The experience of homosexuals adolescents about relationships with their families made explicit in this investigation can unfold in reflections that promote interventions in the field of social welfare and health, education and research aiming at inclusion of adolescents in different social scenarios, considering the respect in the affective-sexual diversity.

KEYWORDS: Nursing. Qualitative research. Adolescence. Homosexuality. Family relationship.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 CONTEXTUALIZANDO A TEMÁTICA	18
2.1 A QUESTÃO DA HOMOSSEXUALIDADE	18
2.2 O ADOLESCENTE FRENTE À HOMOSSEXUALIDADE	21
2.3 O ADOLESCENTE HOMOSSEXUAL E AS RELAÇÕES FAMILIARES	28
3 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	36
3.1 ESCOLHA DA FENOMENOLOGIA PARA EMBASAR O ESTUDO	36
3.2 A FENOMENOLOGIA SOCIAL DE ALFRED SCHUTZ E O FENÔMENO ESTUDADO	37
4 TRAJETÓRIA DO ESTUDO	41
4.1 CENÁRIO DA PESQUISA.....	41
4.2 PARTICIPANTES.....	41
4.3 OBTENÇÃO DOS DEPOIMENTOS	45
4.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	46
4.5 ASPECTOS ÉTICOS.....	47
5 RESULTADOS	50
5.1 CATEGORIAS CONCRETAS DO VIVIDO	50
5.1.1 O contexto de significados relacionado à vivência de ser um adolescente homossexual e sua relação com os familiares: categorias relacionadas aos “motivos porque”	50
5.1.2 Expectativas do adolescente homossexual e a relação com os familiares: categorias relacionadas aos “motivos para”	57
5.2 TIPIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA VIVIDA.....	61
5.2.1 Típico da ação do adolescente homossexual que vivencia a relação com os familiares	61
6 DISCUSSÃO	63
7 IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA PROFISSIONAL	82
8 CONCLUSÃO	87
REFERÊNCIAS	89
APÊNDICES	99
ANEXO	102

1 INTRODUÇÃO

1 INTRODUÇÃO

Minha trajetória acadêmica e profissional sempre foi voltada para a saúde da mulher, criança e adolescente, contudo o meu despertar para o aprofundamento da temática “adolescentes homossexuais e a sua relação com os familiares” se deu quando vivenciei o drama de uma adolescente que desejava verbalizar aos seus familiares sua orientação homossexual e para tal me solicitou ajuda. Naquele momento, percebi minha fragilidade enquanto pessoa e enfermeira para abordar as questões relativas à diversidade da sexualidade humana, sobretudo no que diz respeito à homossexualidade. Vi-me com poucas ferramentas para ajudar aquela adolescente e reconheci a necessidade de aprofundar em estudos que abordassem esse assunto, com vistas a colaborar de modo mais significativo com os adolescentes homossexuais e seus familiares.

Além da minha própria fragilidade, empiricamente também constatei a notória fragilidade de familiares e profissionais de saúde frente a essa questão. De modo geral, acredito que os familiares estão pouco preparados para lidar com a homossexualidade, e os profissionais de saúde pouco olham para as famílias que vivenciam a transgressão do heterossexismo. O adolescente é quem mais pode sofrer as consequências do conflito emergido no seio familiar ao expor sua orientação sexual.

Essas reflexões despertaram em mim o interesse de melhor compreender as questões imbricadas nas relações do adolescente homossexual com seus familiares. Acredito que essa compreensão será mais abrangente a partir do momento em que eu, enquanto pesquisadora, desvelar a vivência dos adolescentes que experienciam essa realidade. A participação no Grupo de Pesquisa Enfermagem com abordagem Fenomenológica da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo fortaleceu as minhas reflexões, dando maior robustez à delimitação do tema a ser investigado. Além disso, recorri à literatura para saber como os estudiosos estariam abordando tal temática e o que se apresenta como lacuna no conhecimento.

Ao longo dos séculos, a homossexualidade foi considerada como doença e pecado, sendo alvo de discriminação social, pois o exercício da sexualidade

tradicionalmente aceito, em geral, é o heterossexual. No entanto a homossexualidade, nos últimos anos, passou a ser considerada como uma expressão natural da sexualidade humana, sendo muito mais do que uma orientação sexual por pessoas do mesmo sexo, pois envolve afetividade e relacionamentos (Bento, Matão, 2012).

Considerando que, na adolescência, ocorre o despertar para a vida afetivo-sexual e é quando ocorrem as primeiras experiências sexuais, a vivência da sexualidade que foge à heteronormatividade pode ser uma questão problemática tanto para os adolescentes como para sua família. Não obstante tal expressão da sexualidade apresentar maior abertura para discussão do tema na sociedade atual, ainda se configura como desencadeadora de graves conflitos no âmbito das relações familiares (Valadão, Gomes, 2011).

A ideia hegemônica, presente no meio social, ao reforçar que a orientação da sexualidade deve ser a heterossexual, marginaliza as demais manifestações da sexualidade humana. Essa marginalização pode ser problemática na adolescência, fase da vida humana caracterizada por mudanças, incertezas e indefinições identitárias (Soliva, Silva Junior, 2014).

Estudos mostram que os adolescentes vivenciam inúmeros conflitos com a descoberta da homossexualidade, principalmente no âmbito familiar (Bento, Matão, 2012; Toledo, Teixeira-Filho, 2013; Souza, Silva Júnior, 2014; Gonzaga, Praça, Lannes, 2014; Grafsky, 2014). Ao assumir sua orientação sexual, o jovem depara-se com o medo da descoberta de sua homossexualidade por seus familiares e pela sociedade. Assim, adota a “negação” como modo de se autoprotger (Simpson et al., 2007). Por outro lado, mesmo com o reconhecimento da homossexualidade pelos familiares, o jovem experimenta formas concretas de violência, sofrimento psíquico, incertezas e medo (Soliva, Silva Junior, 2014).

A percepção da homossexualidade de um adolescente por parte da família ocasiona desequilíbrio e a conseqüente busca de manutenção da estabilidade da mesma, que tenta a todo custo inseri-lo nos modelos e valores socialmente estabelecidos (UNICEF, 2011). Com isso, as relações familiares são marcadas por tensões.

Estudo brasileiro realizado sobre a relação entre pais e filhos diante da descoberta da homossexualidade mostrou que o espaço em que são estabelecidas as relações mais íntimas entre os jovens e seus familiares (a casa) apresenta-se como um cenário privilegiado para a realização de conflitos, considerando o esforço coercitivo dos familiares para adaptá-los à norma sexual hegemônica. Quando os pais se veem diante de uma situação que foge à norma, empregam estratégias para contornarem o “problema”. As violências físicas e psicológicas aparecem como modalidades constantemente adotadas para este fim. Por sua vez, os jovens passam por sofrimentos que se situam entre a publicização e o ocultamento de sua orientação sexual (Soliva, Silva Junior, 2014).

Há que se considerar também que as relações domésticas se constituem de pesadas estruturas de poder que se configuram em um esforço de heterossexualização compulsória. Esse esforço faz com que comportamentos considerados não conformados às expectativas familiares sobre a sexualidade e do gênero sejam controlados pelos familiares, visando à reintegração desses jovens à norma sexual dominante – a heterossexualidade. A atitude repressiva dos pais ocorre sob o pretexto de garantir uma melhor qualidade de vida aos jovens, preocupando-se com o estigma social que esses possam sofrer (Soliva, Silva Junior, 2014).

Nessa perspectiva, destaca-se a importância da relação dos adolescentes com seus familiares no contexto da homossexualidade, considerando que relações harmônicas contribuem para a saúde mental e socialização de todos e que a família é a base de apoio para a construção da identidade de seus membros (Baltor et al., 2014).

Considerando que a estigmatização dos homossexuais cria marcas profundamente negativas (Gomes, Reis, Kurashig, 2013), sobretudo quando não encontram o apoio de suas famílias, é importante discutir as diferentes formas de vivência afetivo-sexual de pessoas do mesmo sexo.

Diante do exposto, as seguintes questões surgiram: Como é para o adolescente vivenciar sua homossexualidade no contexto familiar? Como é a relação do adolescente homossexual com seus familiares? O que o adolescente com orientação homossexual espera do convívio com seus familiares? Com base nessas questões, buscou-se desvelar o **fenômeno** “adolescente homossexual e a

relação com seus familiares” com o **objetivo** de compreender a vivência de adolescentes homossexuais frente às relações com seus familiares.

Considera-se que esta pesquisa poderá incitar ressignificação de conceitos na sociedade, na medida em que discute a questão da homossexualidade no contexto familiar, na perspectiva do envolvido, ou seja, do adolescente homossexual. Poderá, ainda, oportunizar discussões sobre os paradigmas familiares no que tange à homossexualidade do adolescente, contribuindo assim para a definição das ações propostas pelas políticas públicas na área da saúde do adolescente.

Especificamente no contexto de atuação da enfermagem, constata-se uma escassez de trabalhos publicados nesta área, tanto em nível nacional como internacional. Conforme resultados de uma pesquisa realizada nos Estados Unidos da América com o objetivo de identificar artigos científicos que envolviam a saúde dos gays, lésbicas e transexuais, publicados no período entre 2005 a 2009 em periódicos qualificados, apenas oito de cerca de 5 mil artigos relacionados à área de enfermagem foram publicados em revistas que apresentavam fator de impacto (Eliason, Dibble, DeJoseph, 2010).

Neste contexto, destaca-se que a enfermagem necessita investir em pesquisas que possam subsidiar a prática, incrementar o ensino e influenciar mudanças de políticas voltadas a esse grupo social, pois, à medida que compreendemos a vivência dos adolescentes e seus familiares frente à homossexualidade, amplia-se a possibilidade da reflexão e ação relacionada a essa temática no âmbito da pesquisa, do ensino e da sociedade.

Assim sendo, aprofundar a discussão sobre os sentidos atribuídos à experiência do adolescente com orientação homossexual frente às relações familiares poderá subsidiar a reflexão sobre essa realidade multifacetada sob a perspectiva de quem a vivencia – o adolescente homossexual.

2 CONTEXTUALIZANDO A TEMÁTICA

2 CONTEXTUALIZANDO A TEMÁTICA

2.1 A QUESTÃO DA HOMOSSEXUALIDADE

A homossexualidade é considerada uma expressão natural da sexualidade humana, não sendo algo novo no comportamento afetivo-sexual da humanidade. A sua manifestação remonta desde os primórdios da civilização humana. Contudo, em decorrência da pós-modernidade e das inúmeras transformações sociais, essa manifestação da sexualidade ganha mais visibilidade nos âmbitos sociais (Miranda, 2013).

O pressuposto de que a homossexualidade seria uma variante anormal da sexualidade humana pode ter suas raízes na herança de séculos de condenação do comportamento não heterossexual, responsável por construir a ideia da orientação homossexual como doença, pecado e em algo que precisa ser controlado, curado, reprimido e negado (Ferrari, 2013).

Uma breve revisão histórica acerca da homossexualidade mostra que os gregos não se opunham ao relacionamento entre pessoas de sexos diferentes ou à relação entre pessoas do mesmo sexo. A repressão e o controle, ou a negatividade ética por excelência, eram direcionados àqueles que tinham “comportamento frouxo”, ou eram passivos em relação aos prazeres, que consistia no comportamento de não resistir nem às mulheres e nem aos homens (Foucault, 2001).

Na Europa Medieval, por volta de 1700, com a reforma puritanista, houve a introdução das noções de bem e de mal absolutos, e os homens que mantinham relação com outros homens passaram a ser vistos como criminosos. Em 1869, o médico Karl Maria Benkert foi o primeiro a escrever sobre relacionamento afetivo-sexual entre pessoas do mesmo sexo, introduzindo o termo homossexual. Contudo, foi no final da Segunda Guerra Mundial que o Movimento dos Direitos dos Homossexuais começou a estruturar-se na Europa e Estados Unidos, tendo como principal proposta a descriminalização da homossexualidade e o reconhecimento dos direitos civis dos homossexuais (Toniette, 2006).

Em 1973, a homossexualidade deixou de ser classificada como doença, desvio ou perversão da sexualidade pela Associação Americana de Psiquiatria,

abrindo espaço para o reconhecimento de novas definições. O termo homossexualismo foi substituído por homossexualidade, sendo que o sufixo –dade, que traz consigo o significado de “forma expressão” (APA, 2009). Uma década após, a Organização Mundial de Saúde (OMS) retirou a homossexualidade da Classificação Internacional de Doenças – CID 10 (OMS, 1983; Almeida, 2011).

No Brasil, o termo homossexual foi utilizado pela primeira vez em 1894 e o movimento homossexual surgiu no final dos anos 70. Entretanto, foi apenas em 1985 que a homossexualidade deixou de ser considerada como desvio. O Conselho Federal de Medicina (CFM) fez mudanças em sua legislação que classificava a orientação homossexual como desvio e transtorno sexual, passando a ser entendida como uma das muitas manifestações da sexualidade humana (Matos, 2004).

Ao longo desse processo, os homossexuais têm conquistado alguns direitos. Em 1991, a Anistia Internacional passou a considerar a discriminação contra homossexuais uma violação aos direitos humanos. Em maio de 2011, o Supremo Tribunal Federal (STF) aprovou por unanimidade a união estável entre pessoas do mesmo sexo. A intenção é que se confira jurisdição à união homoafetiva para que os casais gays possam sair do ocultamento e do sigilo, superar o ódio e a intolerância em nome da lei e ganhar lugar de sujeito no espaço social em que vivem (Miranda, 2013).

Em março de 1999, o Conselho Federal de Psicologia (CPF) sancionou a Resolução nº 1/99 e estabeleceu normas para a atuação de psicólogos em relação à questão da orientação sexual, reconhecendo a homossexualidade como uma das manifestações da sexualidade humana. Além disso, proibiu esses profissionais de colaborarem com eventos que proponham o tratamento e a cura da homossexualidade (CFP, 1999).

Em novembro de 2001, foi sancionada em São Paulo a Lei Estadual nº 10.948, que dispõe sobre as penalidades a serem aplicadas à prática de discriminação em razão de orientação sexual (São Paulo, 2001).

Tais mudanças, somadas às lutas do movimento Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transgêneros (GLBTT), levaram à criação de legislação nacional de combate à homofobia, vislumbrando a inclusão social e o reconhecimento dos direitos da comunidade GLBTT. Entre as diversas legislações existentes, destaca-se

o Decreto da Presidência da República publicado em 04 de junho de 2010, que instituiu o dia 17 de maio como a data nacional de combate à homofobia (Brasil, 2010a).

Ainda no ano de 2010, foi sancionado o Decreto nº 7.388, de 09 de dezembro de 2010, que dispõe sobre a composição, estruturação, competências e funcionamento do Conselho Nacional de Combate à Discriminação (CNCD). Este é um órgão colegiado de natureza consultiva e deliberativa que tem por finalidade formular e propor diretrizes de ação governamental, em âmbito nacional, voltadas ao combate à discriminação e à promoção e defesa dos direitos da população GLBTT (Brasil, 2010b).

Apesar dos avanços conquistados na legislação e da maior visibilidade da homossexualidade no contexto social, as percepções no mundo contemporâneo ainda estigmatizam essa orientação sexual. Por outro lado, a pressão de diversas organizações para que haja mais respeito ao público GLBTT tornou a discriminação e o preconceito mais sutis e mais velados (Granúzzio, 2012).

O preconceito contra os homossexuais é, em geral, declarado, legitimando, desencadeando violências físicas e psíquicas contra essa população. Gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros são alvos de discriminação que se expressam na forma de rejeição assumida pela família, nos ambientes de trabalho e de participação política, nos ambientes escolares e universitários, nos espaços de lazer, de amizade e em praticamente todas as dimensões da existência humana (Gomes, Reis, Kurashige, 2013).

Neste contexto, cabe ressaltar que as diferenças no modo de viver podem contribuir para a manifestação de múltiplas modalidades de opressão, uma vez que raça, etnia, gênero, orientação sexual e muitos outros itens compõem a agenda de questões que, historicamente, estão no alvo da intolerância e da não aceitação da diversidade (Gomes, Reis, Kurashige, 2013).

2.2 O ADOLESCENTE FRENTE À HOMOSSEXUALIDADE

A adolescência é caracterizada como uma fase de transformação biopsicossocial, ou seja, como um período do desenvolvimento humano em que ocorrem a estruturação e o amadurecimento do jovem, além da afirmação de sua identidade sexual (Salomão, Silva, Cano, 2013).

Os limites cronológicos da adolescência são definidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) entre 10 e 19 anos (adolescentes) e pela Organização das Nações Unidas (ONU) entre 15 e 24 anos (jovens), critério este usado principalmente para fins estatísticos e políticos. Usa-se também o termo jovem adulto para englobar a faixa etária de 20 a 24 anos de idade. Nas normas e políticas de saúde do Ministério de Saúde do Brasil, os limites da faixa etária de interesse são as idades de 10 a 24 anos (Eisenstein, 2005).

Dados estatísticos mostram que o número de pessoas com idade entre 10-24 anos é o maior da história, com uma população de 1,8 bilhão, compreendendo um quarto da população mundial (Sawyer et al., 2012). De acordo com o Fundo das Nações Unidas (UNICEF), instituição das Organizações das Nações Unidas (ONU), a proporção de adolescentes entre 10 e 19 anos foi estimada em torno de 1,2 bilhão, número que equivale a 18% da população global. Os países de maior concentração por ordem de crescimento são a Índia, China e Estados Unidos da América. No Brasil, temos 21 milhões de adolescentes, o que equivale a 10% da população (UNICEF, 2011).

Marcada por descobertas, turbulências, mudanças, conflitos individuais, familiares e sociais (Berni, Roso, 2014; Velho, Quintana, Rossi, 2014), a adolescência é uma fase da vida em que há um despertar em todos os domínios do ser humano com significantes mudanças (Paulin et al., 2013). É nessa fase da vida que ocorre a visibilidade da orientação sexual e, na maioria das vezes, a descoberta da homossexualidade (Soliva, Silva Junior 2014; Bento, Matão, 2012). Isso evidencia a necessidade de se discutir as diferentes formas de vivência afetivo-sexual de pessoas do mesmo sexo, pois a estigmatização dos homossexuais cria marcas profundamente negativas (Gomes, Reis, Kurashig, 2013), sobretudo quando os adolescentes não têm o apoio de suas famílias.

Neste sentido, no caso do sexo masculino, há uma pressão para que o rapaz tenha, o quanto antes, relações sexuais com pessoas do sexo oposto, de modo a assegurar sua virilidade, espantando qualquer possível manifestação de comportamento homossexual (Heilborn, 2012).

Investigação realizada com adolescentes brasileiros do sexo masculino mostrou que a descoberta da homossexualidade foi uma situação complicada que envolveu, sobretudo, sentimentos de medo. As primeiras vivências desses jovens ao se relacionarem com sua sexualidade manifestaram-se na forma de silêncio e vergonha (Soliva, Silva Junior, 2014).

O silêncio frente à descoberta da sua sexualidade pode ter como pano de fundo a imagem negativa da homossexualidade, valorização do comportamento heterossexual e do estereótipo masculino machista reforçado pela sociedade ao longo de séculos (Heilborn, 2012).

Conforme pesquisa brasileira realizada com jovens homossexuais participantes de um grupo fechado no *Facebook*, os mesmos consideram estar cercados por um mar de preconceito e discriminação que os situa em uma condição de inferioridade. Muitas vezes, foram-lhes conferidos, pejorativamente, nomes que reforçam e legitimam o preconceito e a discriminação, contrapondo o machismo, a virilidade, a agressividade e o poder esperado para o sexo masculino e, no caso das lésbicas, a feminilidade, a passividade esperada para as mulheres (Couto Junior, 2014).

Estudo sobre as representações sociais acerca do “gay” realizado com alunos do ensino médio de uma escola pública de Nova Iguaçu, região da baixada Fluminense do Estado do Rio de Janeiro/Brasil, que se autodeclararam heterossexuais, revelou uma crença conflitante e indefinida sobre a representação social de ser gay. Enquanto alguns estudantes classificaram esse jovem como uma pessoa corajosa, livre e normal, a maioria reforçou a ideia da hegemonia heterossexual, sendo o homossexual masculino visto como o “diferente”, “o alegre”, “a bicha”, “o veado”, “o afeminado”. Outros compreendiam que ser gay configura-se em uma doença, enquadrando-o como louco, ou ainda trazendo concepções religiosas que tratam a homossexualidade como algo “nojento e pecaminoso”. Tal ponto de vista pode contribuir para as diferentes formas de violência contra os homossexuais (Gonzaga, Praça, Lannes, 2014).

Perceber-se homossexual é, na maioria dos casos, experimentar um desvio da norma social e sofrer penalidades ao viver em um mundo de hegemonia heterossexual. Essa norma heterossexualizante perpassa o cotidiano social e configura-se como um *status* para as pessoas relacionarem-se no mundo (Marques, Nardi, 2011).

Importante destacar que a orientação sexual do adolescente pode constituir-se em um fator dificultador para sua inclusão e manutenção no ambiente escolar em virtude dos tabus e preconceitos sociais da homossexualidade, além de ser um fator para manifestação de violência. Resultados de uma pesquisa realizada com alunos, pais, professores e funcionários de seis escolas secundárias de Dublin, Irlanda, mostraram que, em razão de a maioria das escolas ter influência religiosa católica, os professores pouco discutiam o tema sexualidade. Os alunos homossexuais relataram sofrer com estereótipos negativos, discriminação e *bullying* (O'Higgins-Norman, 2009).

De modo semelhante, estudos brasileiros realizados com adolescentes escolares retrataram que, apesar dos avanços conquistados nas últimas décadas, a homossexualidade ainda permanece permeada por preconceitos e tabus, sendo alvo de discriminação social (Martins et al., 2012; Macedo et al., 2013; Couto Junior, 2014).

Estudo que investigou questões de gênero relativas à sexualidade entre adolescentes do ensino médio de cinco escolas estaduais do Município de Cuiabá, Mato Grosso/Brasil, evidenciou que, do ponto de vista desses alunos, a homossexualidade foi considerada escolha, caracterizada como algo errado e/ou como um distúrbio psicológico, e, que homens devem se relacionar com mulheres e vice-versa (Martins et al., 2012).

Outro estudo conduzido em Jandaíra, Rio Grande do Norte/Brasil, em uma unidade de educação de jovens e adultos, mostrou que os adolescentes percebiam a sexualidade como o ato sexual em si, sobretudo entre pessoas do sexo oposto, desconsiderando qualquer outro tipo de comportamento referente às diversas manifestações da sexualidade. Nos discursos, percebeu-se o ocultamento ou silenciamento frente à homossexualidade (Macedo et al., 2013).

Resultados de um estudo realizado com mulheres homossexuais jovens e adultas que frequentaram escolas de cidades como Salvador, Campinas, Ribeirão Preto e São Paulo evidenciaram diversos graus de sofrimento, dor e perseguição sofridos por essas mulheres, desde o ensino fundamental até o ensino superior. As discriminações e os preconceitos foram se modificando e adquiriram formas mais sutis. Para algumas, as rejeições foram gradativamente diminuindo a cada nível escolar. Quando crianças e adolescentes, o preconceito era mais visível. Entretanto, à medida que avançavam para a juventude e idade adulta foi ficando mais velado (Granúzzio, 2012).

Não bastasse o preconceito da sociedade, existe a inaptidão dos segmentos sociais, em especial da escola, para lidar com a homossexualidade. Destaca-se o despreparo dos professores conforme estudo realizado em Joinville, Santa Catarina/Brasil, com estudantes entre 14 e 17 anos. Em geral, os professores não são preparados para discutir questões que extrapolam a grade curricular (Cordeiro, Buendgens, 2012).

Vale a pena ressaltar que a escola é pela sua constituição o lócus da diversidade e uma das instituições responsáveis pela socialização de valores pertinentes ao reconhecimento e respeito às diferenças dentro de uma sociedade. Ela reproduz juízos, crenças, estereótipos e significados que estabelecem e refletem padrões de normalidade e, por conseguinte, estabelece critérios de exclusão das relações sociais (Cordeiro, Buendgens, 2012).

A marginalização do adolescente que foge do padrão heterossexual no contexto das instituições de ensino reforça o paradigma de que a escola ainda não está preparada para lidar com as diferenças. Neste contexto, destaca-se que a escola poderia trazer visibilidade à causa GLBTT, fomentando a discussão dessa questão e buscando meios para inclusão do jovem homossexual no âmbito escolar.

Salienta-se que a escola poderia quebrar parte do silêncio sobre a questão GLBTT ao fomentar discussões de temas como afetividade\sexualidade, bem como oportunizar a valorização dos vários modos de vivenciar a sexualidade e os modos de vida que diferenciam do modelo heterossexual. Nesta perspectiva, o professor, no contexto da sala de aula, poderia promover a percepção positiva das diferenças, desmitificando estigmas, proporcionando um convívio de mútuo respeito e apoio entre os alunos. A elaboração consciente sobre a diversidade sexual por parte dos

adolescentes permite que estes enfrentem de modo mais consistente as representações sociais e imagens negativas sobre a questão da homossexualidade (Granúzzio, 2012).

Estudo exploratório realizado na Espanha investigou, com base em depoimentos de pessoas homossexuais, o processo de desenvolvimento da identidade homossexual no âmbito familiar heteroparental. Concluiu-se que os professores deveriam conversar mais sobre gênero e sexualidade, no intuito de diminuir os conflitos individuais e coletivos entre os adolescentes, pois a família é um fator de risco na construção da identidade homossexual de jovens (Ceballos-Fernández, 2014).

Pesquisa qualitativa com abordagem fenomenológica realizada nos Estados Unidos com adolescentes gays e bissexuais discutiu a atuação de assistentes sociais qualificados na formação e apoio de pares em escolas com o objetivo de diminuir conflitos entre jovens homoafetivos juntamente com jovens heterossexuais. As recomendações específicas incluem intervenções destinadas a melhorar a empatia afetiva entre o corpo discente, oferecendo grupos de apoio tradicionais para os jovens GLBTT, recrutando e formando pares. Os resultados desta pesquisa fortalecem a necessidade de desvelar essa temática em todos os ambientes sociais (Roe, 2015).

Ao se pensar na visibilidade da homossexualidade, também se faz necessário considerar os valores religiosos e morais que perpassam as condutas sociais. Pesquisa realizada com base nas publicações feitas pela imprensa escrita da Venezuela mostrou que o governo daquele país considera a questão da homossexualidade como um assunto de segundo plano, em razão, sobretudo, de valores morais e religiosos de um país de maioria católica. Esses valores religiosos consideram a homoafetividade e a união civil entre pessoas do mesmo sexo como uma ameaça à família tradicional e, desse modo, contribuem para a perpetuação do preconceito (Ruiz, 2011).

Investigação realizada na capital de São Paulo e em cidades do ABCD Paulista, com jovens de diversas denominações religiosas sobre as concepções e posicionamentos relacionados à homossexualidade mostrou que o tema provocou reações distintas entre os jovens entrevistados. Muitos compreendiam a sexualidade

não heterossexual como algo "normal", outros a homossexualidade como "pecado" ou algo "não natural" (Silva, Paiva, Parker, 2013).

Ainda em relação ao estudo supracitado, os jovens católicos e umbandistas tenderam a enfatizar sua identidade pessoal heterossexual ao mesmo tempo em que relatavam maior aceitação da homossexualidade. As visões de anglicanos e pentecostais expressavam mais fortemente a moralidade cristã tradicional. Os pentecostais entendiam a homossexualidade como "pecado" e não demonstravam abertura para aceitar experiências sexuais homossexuais. A reprodução de uma interpretação bíblica mais literal implicava a não aceitação da homossexualidade entre os pentecostais, pois "fugia ao propósito da criação". Os adventistas definiram a homossexualidade como doença, cabendo, portanto, ações de cunho religioso no sentido de curá-la, combatê-la e eliminá-la (Silva, Paiva, Parker, 2013).

O heterocentrismo justifica muitos discursos religiosos vigentes. Trata-se de uma hipervalorização da heterossexualidade em relação a qualquer outra forma de orientação sexual. Ademais, reforça a falsa ideia de que a homossexualidade seria sinônimo de uma vida sofrida, difícil, perversa e inútil em si e por si mesma. Diante dos tabus, preconceitos, mitos, valores religiosos e morais que perpassam a construção da identidade sexual, situando a homossexualidade na periferia do campo da sexualidade, assumir e viver de modo saudável a homossexualidade pode ser um caminho difícil para o adolescente (Teixeira et al., 2012).

Estudo transversal realizado junto a 2.282 estudantes de ambos os sexos que cursavam as três séries do ensino médio em três cidades do interior do oeste paulista mostrou as justificativas usadas para não assumir a homossexualidade e compartilhar essa questão com outras pessoas. Entre as justificativas encontra-se o fato de o adolescente considerar essa situação como uma fase passageira (65.0%), sentir medo de não ser compreendido (72,7%) e ainda não ter certeza de seus sentimentos (68,4%). Entretanto, quando resolvem expressar sua sexualidade, os amigos e pessoas próximas são os primeiros a serem informados, seguidos pelos colegas de escola e pela mãe (Teixeira et al., 2012).

Jovens que se autodeclararam não heterossexuais vivem o dilema de assumir para si mesmos e para os outros e pagarem o preço do ostracismo e da vitimização. Entrar em um grupo homossexual é também (des)construir uma identidade, aprender novos códigos e novas formas de se olhar e de se posicionar diante do

mundo. Assim, assumir a homossexualidade torna-se um processo de reconhecimento de sentimentos e afetos homoeróticos ou que pertençam a outro gênero diferente do culturalmente esperado para o seu sexo biológico, para si mesmo e aos outros (Teixeira et al., 2012).

As pressões sociais negativas em torno da homoafetividade podem contribuir para que esses jovens tenham diversos problemas de adaptação social, de saúde e exposição à violência. Pesquisas apontam que os adolescentes homossexuais apresentam menores níveis de relações sociais e são mais propensos a uso de drogas, ideação e tentativa de suicídio e expostos à violência e vitimização, quando comparados com os adolescentes heterossexuais (Seil, Desai, Smith, 2014; Rothman et al., 2012; Dias, 2011).

A aversão contra homossexuais é legitimada pelos discursos heterossexistas, sendo a causa principal de preconceito e homofobia, o que pode resultar em casos de assassinatos e cerceamento de direito de se expressar e ser respeitado em sua orientação sexual. Um levantamento realizado pelo Grupo Gay da Bahia revelou que, no Brasil, foram assassinadas mais de 200 pessoas em razão da orientação sexual, incluindo jovens e adolescentes, em 2010; 198 pessoas em 2009 e 190 em 2008. Os dados mostraram que, aproximadamente, um homossexual é assassinado a cada dois dias no Brasil. Esse número pode ser maior, em razão de não haver estatísticas oficiais, já que os boletins policiais não registram crimes motivados por orientação sexual, por falta de previsão legal. Os dados são coletados com base nas informações reveladas pela imprensa (Gomes, Reis, Kurashige, 2013).

No que tange ao cuidado com a saúde, uma revisão sistemática da literatura realizada com o objetivo de analisar a abordagem sociocultural acerca da relação entre os temas homossexualidade masculina, homem jovem e saúde, apontou que os jovens homossexuais estão sujeitos a uma grande variedade de doenças, incluindo as sexualmente transmissíveis, abuso de álcool, psicológicas, como a baixa autoestima, transtornos alimentares e depressão com alto índice de suicídio. O estigma da homossexualidade pode fazer com que poucos jovens busquem os serviços de saúde, seja por medo de discriminação ou por medo de saber que possuem doenças que reforçam a vergonha de ser homossexual, o que dificulta os cuidados de saúde em geral. A falta de informação qualificada e a necessidade de profissionais capacitados na área de saúde e educação para lidar com esses jovens

e suas famílias são as principais barreiras encontradas nas pesquisas analisadas na referida revisão (Cunha, Gomes, 2014).

É inegável que, quando a homossexualidade deixou de ser considerada doença, houve um ganho para a população de Gays, Lésbicas, Bissexuais Travestis e Transexuais (GLBTT). Contudo, não foi suficiente para o enfrentamento das intolerâncias da sociedade. Esses jovens vivenciam muitas dores e conflitos, o que pode fragilizar os laços familiares e sociais (Teixeira-Filho, Rondini, 2012; Silva, 2011).

A discussão da homossexualidade na adolescência configura-se como um assunto complexo e delicado de ser tratado, entretanto essa discussão abre oportunidades e caminhos para a compreensão da diversidade da sexualidade humana, considerando sua interface com as questões que envolvem a saúde física, mental e a socialização dos jovens. Neste contexto, faz-se necessário incluir os familiares desses adolescentes, considerando que a família constitui a base para a formação do ser humano na sociedade.

2.3 O ADOLESCENTE HOMOSSEXUAL E AS RELAÇÕES FAMILIARES

Considerada o núcleo social básico de acolhida, convívio, autonomia, sustentabilidade e protagonismo social (Brasil, 2005), a família vem sendo reconhecida por diferentes configurações, sendo hoje em dia formada não só por pessoas de laços de consanguinidade, mas também por fortes laços de afetividade (Schaurich, 2009).

A família é um universo de possibilidades para o desenvolvimento do indivíduo, assumindo a função de instituição cuidadora à medida que se destina a contribuir no processo de construção e manutenção dos princípios éticos e morais de seus membros. Ela tem grande influência no desenvolvimento do adolescente e este por sua vez absorve as atitudes e valores próprios de seu círculo familiar (Schoen-Ferreira, Aznar-Farias, Silves, 2010). Nesse sentido, é fundamental que o adolescente perceba e vivencie o apoio da família como suporte para superar as dificuldades típicas dessa fase, uma vez que a situação de não acolhimento poderá

fazer com que o adolescente busque em outros grupos o suprimento de suas necessidades afetivas na tentativa de compensar o vazio deixado (Silva et al., 2011).

Resultados de um estudo realizado com adolescentes nordestinos brasileiros com idades entre 15 e 17 anos evidenciou que, entre os significados e valores descritos nos discursos, a família foi considerada como base de sustentação e como principal rede de apoio afetivo para o adolescente que vivencia um intenso processo de transição (Silva et al., 2011).

A família é parte importante do processo de construção da autonomia dos jovens, sobretudo quando valoriza suas singularidades. Também estabelece e mantém códigos que norteiam as interações afetivas e sexuais, como as demais formas de interação social de seus filhos, conforme as expectativas sociais de desempenho segundo o sexo e o gênero (Soliva, Silva Junior, 2014).

O aprendizado em torno da sexualidade está intimamente relacionado ao modo como estão organizadas as relações de gênero nos contextos socioculturais em que os indivíduos se encontram inseridos, incluindo a família (Heilborn, 2012).

Contudo, o desejo dos pais no que concerne à sexualidade dos filhos nem sempre corresponde ao que foi esperado, visto que a sexualidade humana apresenta muitas facetas além da heterossexualidade. Desse modo, as reações dos pais frente à revelação dos filhos a respeito de sua orientação homossexual são diversas, dependendo dos tipos de vínculos entre eles e os filhos, dos sentimentos que afetam os membros da família entre si, da relação entre os irmãos, do comprometimento com os fundamentalismos religiosos, com o moralismo social, com a tradição, com a ética e os valores de respeito aos direitos humanos, à autonomia e às decisões individuais, entre outros aspectos (Toledo, Teixeira-Filho, 2013).

Resultados de uma pesquisa qualitativa realizada em Goiás/Brasil sobre o processo de revelação da homossexualidade mostraram que, desde muito cedo, os jovens começam a se notar como indivíduos diferentes de seus amigos, sobretudo quanto à sua sexualidade e que a preocupação com as pressões sociais leva muitos deles a tentarem moldar-se ao estereótipo masculino vigente, com vistas a manter o convívio social e o respeito das pessoas (Bento, Matão, 2012).

Quando ocorre a manifestação da homossexualidade pelos filhos, não raro, há uma quebra da dinâmica familiar. A "descoberta" da homossexualidade pelos pais, geralmente, vem acompanhada de dramáticas tensões capazes de romper os laços de solidariedade que a família tende a amarrar. A rejeição marca a interação entre o jovem e o grupo doméstico em princípio (Soliva, Silva Junior, 2014).

Para cumprir com as premissas da heteronormatividade, as famílias investem pesadamente para que seus filhos se tornem heterossexuais e façam as correspondências das performances de gênero referentes a seu sexo biológico. Lançam mão de diversas estratégias a fim de enaltecer e valorizar experiências e modos de existência que julgam levar à heterossexualidade e banir o que julgam levar à dissidência sexual e/ou de gênero (Toledo, Teixeira Filho, 2013).

A reiteração da heteronormatividade no discurso familiar pode se manifestar em distintas formas e em graus variados de violência, indo desde o total silenciamento de qualquer coisa que se refira à diversidade sexual e de gênero, passando à produção de estigmas diversos que operam sobre as pessoas que não se enquadram em tal norma. Em alguns casos, chega a ocorrer a segregação do membro da família de forma simbólica ou real ou mesmo através de diversas formas de violência física e, em casos extremos, até assassinatos. O processo de revelação/descoberta do homoerotismo para e pelos pais é bastante turbulento, sendo perpassado por controle, vigilância, perseguição, invasão de privacidade, proibições, ameaças, chantagens e até agressões (Toledo, Teixeira Filho, 2013).

O controle cotidiano sobre as ações dos filhos configura-se na tentativa de eliminar a sexualidade considerada transgressora. Uma possível forma de exercer esse controle é infligir limites ao acesso de amigos, sobretudo os gays. Conhecer as redes de sociabilidade desses jovens é um dos principais meios pelos quais esse processo pode vir a se consumir. Conversas telefônicas interceptadas, acesso não consentido a computadores, leitura não autorizada de cartas pessoais, entre outros episódios, dão início a todo um processo de investigação e consequente correção que ambiciona conduzi-los a uma determinada normalidade (Soliva, Silva Junior, 2014).

As interdições de ordem econômica são componentes indispensáveis com os quais os pais mantêm o controle social sobre a identidade sexual de seus filhos homossexuais, após seu conhecimento, em especial, pelo fato de esses jovens não

exercerem nenhum tipo de atividade remunerada. A suspensão do suporte financeiro oferecido para as despesas pessoais, ou mesmo para outros gastos decorrentes da manutenção dos estudos, sugere formas de fazer valer a autoridade familiar em face da informação da homossexualidade do filho (Soliva, Silva Junior, 2014).

Neste contexto, quando ocorre a revelação da orientação sexual considerada desviante, dentro do seio familiar, percebe-se que a família não atua como protetora e promotora de saúde e dignidade de tais indivíduos, mas como um dispositivo de reiteração da heteronormatividade por meio de formas de violência pautadas na inferiorização das experiências consideradas desviantes (Perucchi, Brandão, Vieira, 2014).

Uma pesquisa que teve como participantes mulheres dissidentes da heteronormatividade com as quais foram realizadas entrevistas que produziram Narrativas de Histórias de Vida evidenciou que a família tende a excluir o homossexual dos eventos familiares ou não permitir que aspectos relevantes de sua vida venham a público, a exemplo do namoro. Outra reação dos pais é desqualificar a autoridade da pessoa homossexual de falar de sua sexualidade, infantilizando-a e tomando para si a competência de falar sobre o desejo da filha. Acreditam que a homossexualidade seja uma fase pela qual a jovem esteja passando ou que a filha precisava ter experiências heterossexuais para ter certeza de sua sexualidade (Toledo, Teixeira Filho, 2013).

As dificuldades de aceitação da dissidência da heteronormatividade vivenciada pelos filhos precisam ser resignificadas com base no luto pela heterossexualidade. Geralmente as mães e pais de homossexuais experimentam sentimento de culpa, considerando o fato como um “castigo”, responsabilizando-se, como se tivessem “falhado” na educação dos filhos, ou culpando alguém por “transformar” seu(sua) filho(a) em homossexual. Também são comuns os sentimentos de decepção e sofrimento pela expectativa rompida sobre a heterossexualidade representada por rituais como noivado, casamento, chegada de netos nos moldes tradicionais. Assim, precisam elaborar o luto por não ter o filho heterossexual (Toledo, Teixeira Filho, 2013).

Estudo conduzido com pais de adolescentes homossexuais do meio-oeste americano mostrou que a revelação da homossexualidade dos filhos foi

acompanhada de grande tensão, surpresa e emotividade, além de preocupação com o seu bem-estar em relação ao preconceito social. Alguns pais descreveram que uma das primeiras reações que experimentaram diante da revelação dos filhos foi o sentimento de quebra da imagem que tinham imaginado para eles, englobando, entre outros aspectos, o casamento e netos. Desse modo, os pais tiveram de criar para si novas identidades, como pais de filhos ou filhas GLBTT (Grafsky, 2014).

Em geral, os pais apresentam desconhecimento e despreparo para lidar com a homossexualidade de seus filhos. Um estudo americano de intervenção educacional que usou como ferramenta um filme sobre homossexualidade para a educação dos pais mostrou que 86% deles nunca haviam obtido qualquer tipo de apoio formal sobre como lidar com a sexualidade dos filhos. Tal fato reforça a necessidade de intervenções para pais de GLBTT com vistas ao apoio e enfrentamento da questão no âmbito familiar e social (Huebner et al., 2013).

Se, por um lado, os pais apresentam sofrimento e desapontamento em relação ao comportamento não heterossexual dos filhos e necessitam de apoio para lidarem com essa questão, por outro, os filhos que não recebem apoio da família apresentam piores desfechos de saúde quando comparados com filhos heterossexuais (Needham, Austin, 2010; Hummel et al., 2012). Mesmo que a transição da adolescência para a idade adulta seja caracterizada por uma maior independência em relação aos pais, o apoio deles continua a ser um importante fator para a promoção da saúde durante esta fase da vida. Níveis mais baixos de apoio dos pais durante a juventude podem explicar o porquê de as minorias sexuais apresentarem desfechos de saúde piores quando comparadas com a maioria heterossexual (Needham, Austin, 2010).

Estudo transversal realizado com dados do Sistema de Vigilância de Fatores de Risco Comportamentais de Massachusetts nos Estados Unidos mostrou que a falta de apoio dos pais no que concerne à orientação sexual dos filhos foi associada a comportamentos negativos para a saúde com reflexos na vida adulta. Os adolescentes homossexuais que tiveram a rejeição da sexualidade pelos pais apresentaram maiores chances de depressão e abuso de drogas na idade adulta (Rothman et al., 2012).

Uma investigação longitudinal realizada com adolescentes e adultos jovens no Alabama/EUA constatou que os homossexuais e bissexuais de ambos os sexos

relataram níveis mais baixos de apoio dos pais do que os homens e mulheres heterossexuais. As mulheres lésbicas e bissexuais tinham maiores chances de pensamentos suicidas e abuso de drogas quando comparadas com as mulheres heterossexuais. Os homens gays tinham maiores chances de pensamentos suicidas do que os homens heterossexuais (Needham, Austin, 2010).

Outro estudo norte-americano realizado em Los Angeles e Chicago com adolescentes e adultos transgêneros femininos evidenciou uma ligação potencial entre comportamentos de risco relacionados com o HIV e o apoio parental. Os adolescentes que tinham o apoio dos pais relataram o uso regular de preservativos, e aqueles sem esse apoio referiram o uso inconsistente de preservativo, o que se constitui em um comportamento de risco para HIV (Wilson et al., 2012).

Ainda em relação ao comportamento de risco para DST, estudo realizado com a população masculina afrodescendente americana reitera a importância do apoio familiar nos desfechos de saúde da população homossexual. Tendo como ponto de partida dados epidemiológicos que evidenciavam que os homens negros homossexuais apresentam maiores taxas de HIV. Assim quanto maior a rede de apoio familiar nesse grupo menor será a possibilidade de comportamentos de risco para HIV. Uma maior rede familiar com dois ou mais membros da família foi associada à menor percentual de comportamento de risco, como sexo com uso de drogas e/ou participação em sexo grupal (Schneider, Michaels, Bouris, 2012).

As intervenções destinadas a reforçar as relações entre adultos jovens GLBTT e seus pais poderiam levar a uma redução das disparidades de saúde relacionadas à orientação sexual (Needham, Austin, 2010). Ressalta-se, neste contexto, a importância dos profissionais de saúde em traçar estratégias para incentivar o apoio dos pais aos filhos GLBTT, ao revelarem sua orientação sexual (Rothman et al., 2012).

Pesquisa realizada em Juiz de Fora, Minas Gerais/Brasil, sobre aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays mostrou que o preconceito sobre a homossexualidade no contexto familiar constitui-se em um dispositivo de legitimação da violência e, conseqüentemente, ocasiona a ruptura do vínculo, o afastamento temporário ou permanente entre esses jovens e seus familiares, levando, muitas vezes, à saída ou à expulsão da casa dos pais em

circunstâncias complexas e, frequentemente, dolorosas (Perucchi, Brandão, Vieira, 2014).

Por outro lado, se os adolescentes convivem em um ambiente familiar que proporcione segurança e meios para lidarem com adversidades, eles terão mais condições para vivenciar a homossexualidade. Em seu cotidiano, o adolescente procura tomar decisões isoladas, mas, frente a qualquer adversidade, ele sabe que contará com apoio familiar, sobretudo se o vínculo estabelecido entre os membros for de qualidade e respeito, em uma atmosfera capaz de garantir a segurança e o desenvolvimento da autoestima (Teixeira-Filho, Rondini, 2012).

Diante do exposto, destaca-se a necessidade de aprofundar a discussão sobre a experiência de adolescentes homossexuais frente às relações com seus familiares. Embora a literatura apresente elementos importantes sobre tal vivência ainda há lacunas a serem desveladas, sobretudo no que diz respeito às discussões fundamentadas sob a perspectiva da fenomenologia social.

3 REFERENCIAL TEÓRICO- METODOLÓGICO

3 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

3.1 ESCOLHA DA FENOMENOLOGIA PARA EMBASAR O ESTUDO

Para compreender o contexto vivido pelo adolescente homossexual e seus familiares, utilizou-se a pesquisa qualitativa. Esta abordagem permite ao pesquisador ter acesso ao universo das emoções, perspectivas, crenças, valores, ações, comportamentos e significados que as pessoas constroem sobre suas experiências (Morse, 2012), possibilitando investigar o porquê e o como das situações e não apenas o que, onde e quando os fenômenos acontecem (Falsarella, 2015).

Dentre as diversas abordagens qualitativas, optou-se pela fenomenologia por possibilitar a compreensão do mundo tal como ele se apresenta à consciência humana (Guimarães, 2013). A fenomenologia busca descrever as coisas nelas mesmas, tais como elas se manifestam à consciência. Ela se propõe a uma compreensão e interpretação humana tal como ela é vivida e como se apresenta antes de se tornar objeto da percepção científica. Como método de pesquisa, a fenomenologia permitiu à pesquisadora ir ao encontro da consciência dos adolescentes homossexuais para compreender os meandros vividos por eles no contexto das relações familiares.

Dada a dimensão social do fenômeno – adolescente homossexual e sua relação com familiares –, elegeu-se a fenomenologia social de Alfred Schütz para ancorar este estudo por permitir compreender o mundo com os outros em seu significado intersubjetivo (Schütz, 2009). Esse significado nunca é individual, pois, embora seja vivenciado num contexto objetivo de significação, está contextualizado na intersubjetividade, configurando um sentido social.

Alfred Schütz foi um importante filósofo e sociólogo que nasceu na Áustria, em 1899, e faleceu nos Estados Unidos, em 1959. Estudou Direito e Ciências Sociais. Lecionou Sociologia em Viena, Áustria, e, antes da invasão de seu país pelos nazistas, migrou para a França. Nos Estados Unidos da América, atuou como professor na *University in Exile*, posteriormente, chamada de *Graduate Faculty of the New School for Social Research*, local onde se manteve exilado (Schütz, 2012).

Schütz dedicou-se à fenomenologia, à metodologia das ciências sociais e à filosofia de Edmund Husserl, sendo sua principal contribuição o desenvolvimento da

filosofia fenomenológica de Husserl como a base para fundamentar a sociologia da compreensão derivada do trabalho de Max Weber (Schütz, 2012).

Nos fundamentos da sociologia de Weber, Schütz ressalta que a conduta humana é considerada ação, partindo do princípio de que a pessoa atribui significado aos seus atos. Dessa forma, buscou em Husserl a vivência da consciência originária para a compreensão desse significado, considerando a ação como intenção voltada para algo (Souza, Souza, Tocantins, 2009).

Cabe destacar que a intencionalidade é voltar-se para o outro, mas não apenas no nível individual, uma vez que o homem vivencia um mundo de interações. Assim, embora a experiência seja individual e única, ela é vivida no contexto das relações sociais.

Schütz em sua obra apresenta e descreve diversos conceitos aplicados ao mundo social. Para fundamentação desta pesquisa, utilizaram-se os seguintes conceitos: mundo da vida, intersubjetividade, atitude natural, situação biográfica, acervo de conhecimentos, ação social, “motivos porque” e “motivos para”, além da tipologia compreensiva.

3.2 A FENOMENOLOGIA SOCIAL DE ALFRED SCHUTZ E O FENÔMENO ESTUDADO

Embora a homossexualidade se caracterize, a princípio, como uma questão da esfera individual, ela poderá desencadear conflitos no âmbito familiar e social em decorrência da norma da heterossexualidade hegemonicamente sedimentada no mundo social.

Ao discorrer sobre a estrutura social, Schütz salienta a relação social como elemento fundamental na interpretação dos significados. Para isso, ele elege como relevante a compreensão que se dá no **mundo da vida**, também denominado de mundo social ou mundo cotidiano que se encontra previamente estruturado para o homem antes de seu nascimento (Schütz, 2012).

É neste mundo permeado por interações que os seres humanos compartilham o tempo e o espaço e vivenciam processos conscientes que são considerados elementos significativos para os outros, o que propicia a construção social dos

sujeitos e as influências imbricadas nas relações sociais. Com base no estabelecimento dessa relação do indivíduo com o seu semelhante, estabelece-se a compreensão mútua no mundo social, denominada de **intersubjetividade** (Schütz, 2012).

As condições presentes no entorno do indivíduo lhe são apresentadas como realidade social, e sua posição no mundo permite-lhe influenciar e ser influenciado, transformando continuamente as estruturas sociais. Quando as pessoas reagem de modo espontâneo às questões do dia a dia, sem questionar esta realidade, chamamos de **atitude natural** (Schütz, 2012).

O mundo se encontra estruturado previamente, antes mesmo do nascimento do ser humano. A atitude do adolescente no mundo social se dá de modo natural e interage de modo natural com pessoas dos diferentes sexos, independentemente de sua orientação sexual.

As experiências dos adolescentes ao longo da vida constituem seu acervo de conhecimentos e desenham atitudes e comportamentos vividos pelos mesmos nas relações com seus familiares e a sociedade em geral. O acúmulo de experiências vividas anteriormente, gravado em sua consciência, é passível de acesso e consulta para ações futuras, o que é denominado por Schütz de **acervo de conhecimentos** (Schütz, 2012).

Contudo, esse acervo de conhecimentos que os adolescentes possuem sofre influência dos objetos que o circundam no mundo da vida, ou seja, costumes, questões legais e ideológicas. Esse conjunto de influências condiciona a pessoa a uma dada posição no mundo, denominada de **situação biográfica** (Schütz, 2012).

Cada pessoa, durante sua vida, interpreta o que encontra no mundo, conforme as perspectivas de seus próprios interesses e motivos. Como esse mundo é considerado a realidade de senso comum e matriz de toda a ação humana, envolve a totalidade de experiências que a pessoa constrói no curso de sua existência (Schütz, 2012).

A **ação social** é definida como a conduta humana projetada pelo sujeito de maneira autoconsciente e intencional, com um propósito, podendo ser manifesta ou latente, positiva ou negativa, porém sempre vinculada a outra ação no mundo social. Traz em sua estrutura o projeto que se constitui no sentido primário e fundamental

da ação, situando-a no tempo futuro. É interpretada pelo sujeito com base em seus “motivos existenciais”, derivados da subjetividade e que se constituem em fios condutores da ação humana no mundo social (Schütz, 2012).

Os motivos que se relacionam aos projetos são chamados **motivos para** e aqueles que se fundamentam no acervo de conhecimentos e na experiência vivida no âmbito biopsicossocial do sujeito são denominados **motivos porque**. O conjunto de motivos “para” e “porque” traduz o fluxo da ação humana. Com base no conceito de ação, trabalhou-se com a possibilidade de atribuir significado tanto às experiências passadas como às expectativas (projetos), de modo prospectivo (Schütz, 2012).

Considerando o caráter intersubjetivo da ação, sua interpretação deve ocorrer do ponto subjetivo. Isso será possível se o pesquisador se distanciar do sujeito e lançar sobre ele o olhar da ciência. A objetivação de algo subjetivo requer a construção de um esquema conceitual que propicie agrupar as informações sobre a experiência humana (vida de senso comum). Este esquema constitui-se na **tipologia compreensiva** de Schütz, entendida como a organização teórica das características da ação humana que revela a construção significativa da vida social (Schütz, 2012).

As múltiplas interpretações singulares do mundo social, de certo modo, combinam-se entre si, em determinadas facetas que acabam por formar uma visão de mundo comum, caracterizando os grupos sociais (Schütz, 2012).

Neste estudo, o fenômeno investigado foi o contexto vivido pelo adolescente homossexual com os seus familiares. Ao conviver no mesmo tempo e espaço, estes vivenciam interações sociais no ambiente familiar e em outros espaços sociais, como escola, instituições religiosas e comunidades. Esta convivência mostra a cristalização de valores aceitos socialmente, em que a homossexualidade não é vista com naturalidade. Tal situação vivida influencia as experiências de adolescentes. Em geral, a família espera que seus filhos sejam heterossexuais e que cumpram a norma social do casamento e constituição da prole – comportamento típico esperado pela sociedade. Contudo, tal projeto nem sempre se concretiza, o que pode gerar conflitos no ambiente familiar.

4 TRAJETÓRIA DO ESTUDO

4 TRAJETÓRIA DO ESTUDO

4.1 CENÁRIO DA PESQUISA

O cenário da pesquisa foi a cidade de Macapá, Amapá, Estado localizado no extremo Norte do Brasil. Faz limite ao Norte e a Noroeste com a Guiana Francesa e Suriname, ao Leste e Nordeste com o Oceano Atlântico, e ao Sul e Sudeste com o Canal do Norte e braço esquerdo do Rio Amazonas, fronteira com o Pará, a Oeste e Sudeste com o Rio Jari. Possui uma área de 143.453,7km², que corresponde a 1,6% do Brasil e a 3,6% da Região Norte. A população do Estado é de 716.303 habitantes. Na capital Macapá, a população é de 426.185 habitantes e o número de adolescentes é de 92.195 (Brasil, DATASUS, 2014). O Estado possui unidades básicas de saúde, hospitais, maternidades, hospitais de emergência infantil e adulto.

4.2 PARTICIPANTES

Participaram do estudo 12 adolescentes de ambos os sexos com orientação homossexual e com idades entre 18 e 19 anos. Os critérios de inclusão adotados foram: denominar-se homossexual e ter idade entre 18 e 19 anos.

Destaca-se que, apesar de a adolescência, segundo a OMS, abranger pessoas com idades entre 10 e 19 anos, considerou-se que o adolescente com menos de 18 anos encontra-se ainda construindo sua sexualidade, que, geralmente, se define no final dessa fase da vida e início da fase adulta (Teixeira et al., 2012; Rodrigues, Carmo, 2013; Taquette, Rodrigues, 2015). Além do mais, conforme o artigo 5º da Lei nº. 10.406, de 10 de janeiro de 2002, "a menor idade cessa aos 18 anos completos, ficando a pessoa habilitada a praticar todos os atos da vida civil" (Brasil, 2004, p. 66), fato que garantiu autonomia e liberdade para os mesmos participarem, sem o consentimento dos pais ou responsáveis.

A seguir, são apresentadas as características que definem a situação biográfica dos adolescentes participantes do estudo:

Adolescente 1 - 18 anos, sexo masculino, católico, estudante do primeiro ano de Jornalismo. Mora com o pai, avôs paternos, um irmão, dois primos

pequenos (6 e 8 anos) e uma senhora chamada de tia (doméstica considerada da família). A renda familiar é de 11 salários mínimos.

Adolescente 2 - 18 anos, sexo feminino, católica, estudante do primeiro ano de Odontologia. Mora com os pais e dois irmãos (8 e 17 anos). A renda familiar é de dez a 11 salários mínimos.

Adolescente 3 - 19 anos, sexo feminino, católica, estudante do segundo ano de Odontologia. Mora com os pais, duas irmãs (12 e 17 anos) e uma sobrinha de um mês de vida, filha da irmã de 17 anos. A renda familiar é de três a quatro salários mínimos.

Adolescente 4 - 18 anos, sexo feminino, católica, estudante do quarto semestre de Odontologia. Mora há dois anos sozinha, na capital do Estado (veio do interior com objetivo de cursar faculdade), mas, nos feriados prolongados e férias, retorna para a casa dos pais. Seu pai é funcionário de uma mineradora e a mãe é microempresária. Tem um irmão de 10 anos. A renda mensal da família é de sete a oito salários mínimos.

Adolescente 5 - 19 anos, sexo masculino, católico, estudante do terceiro ano de Publicidade. Trabalha como consultor de modas. Mora com a mãe que é servidora pública federal, mas também convive com a avó e uma tia, pois moram ao lado de sua casa. A renda mensal da família é de sete salários mínimos.

Adolescente 6 - 18 anos, sexo masculino, paganista, estudante do sexto semestre de Relações Internacionais. Trabalha como professor de línguas estrangeiras. Mora com a mãe, avôs, um irmão de 16 anos e dois tios maternos. A renda mensal da família é de aproximadamente nove salários mínimos.

Adolescente 7 - 19 anos, sexo feminino, católica, estudante do segundo semestre de Licenciatura em Química. Mora com os pais e um irmão de 29 anos. A mãe é do lar e o pai é microempresário. A renda mensal da família é de aproximadamente cinco a seis salários mínimos.

Adolescente 8 - 19 anos, sexo masculino, estudante do segundo semestre de Química. Não referiu religião. Mora com a mãe e três irmãos (16, 20 e 24

anos). A renda mensal da família é de aproximadamente cinco salários mínimos

Adolescente 9 - 19 anos, sexo masculino, católico, estudante do terceiro semestre de Construção de Edifícios. Mora com os pais e dois irmãos (22 e 23 anos). A mãe é técnica de enfermagem e o pai papiloscopista. A renda mensal da família é de aproximadamente quatro salários mínimos.

Adolescente 10 - 19 anos, sexo masculino, estudante do primeiro semestre de Engenharia Civil. Não definiu nenhum tipo de religião, mas diz acreditar em Deus. Mora com os pais, duas irmãs (13 e 24 anos), avó paterna, três tias, uma prima e a filha da prima. A mãe é bombeira e o pai é engenheiro mecânico. A renda mensal da família é de aproximadamente 15 salários mínimos.

Adolescente 11 - 19 anos, sexo masculino, católico, estudante do terceiro semestre de Farmácia. Mora com a mãe (do lar, tem ensino médio) e dois irmãos (gêmeos). O pai é autônomo. Não revelou a renda mensal da família.

Adolescente 12 - 19 anos, sexo masculino, católico, estudante do primeiro semestre de Sociologia. Mora em Macapá para estudar e os pais moram no interior do estado. A mãe trabalha com serviços gerais e o pai trabalha como pedreiro e carpinteiro. Tem duas irmãs (17 e 24 anos). A renda mensal da família é de aproximadamente quatro salários mínimos.

O Quadro 1 sintetiza as características dos participantes.

Quadro 1 - Características dos participantes do estudo. São Paulo, 2016

Código *(CI)	Idade	Sexo	Ocupação /Profissão	Escolaridade	Religião	Renda Familiar (** SM)	Reside com:
A1	18	M	Estudante	Curso superior Jornalismo	Católica	11,0	Pai; avós paternos; dois irmãos; primos e uma senhora considerada da família (doméstica)
A2	18	F	Estudante	Curso superior Odontologia	Católica	11,0	Pai, mãe, dois irmãos
A3	19	F	Estudante	Curso superior Odontologia	Católica	3 a 4,0	Pai, mãe, duas irmãs e uma sobrinha
A4	18	F	Estudante	Curso superior Odontologia	Católica	7 a 8,0	Pai, mãe (servidor de empresa privada e mãe autônoma); um irmão
A5	19	M	Consultor de moda	Curso superior Publicidade	Católica	7,0	Mãe (servidora pública federal), avó e uma tia
A6	18	M	Professor de língua estrangeira	Curso superior Relações internacionais	Paganismo	9,0	Mãe, avós, um irmão, dois tios (maternos)
A7	19	F	Estudante	Curso superior Licenciatura em Química	Católica	5 a 6,0	Mãe (do lar) pai (microempresário) e um irmão
A8	19	M	Estudante	Curso superior Licenciatura em Química	Não referiu	5,0	Mãe e três irmãos
A9	19	M	Estudante	Curso superior Construção de Edifícios	Católico	4,0	Mãe (técnica de enfermagem), pai (papiloscopista), dois irmãos
A10	19	M	Estudante	Curso superior Engenharia Civil	Diz acreditar em Deus	15,0	Mãe (bombeira), pai (engenheiro mecânico), duas irmãs, avó paterna, três tias, uma prima e a filha da prima
A11	19	M	Estudante	Curso superior Farmácia	Católica	Não Revelou	Pai (autônomo), mãe (do lar) e um irmão
A12	19	M	Estudante	Curso superior Sociologia	Católico não praticante	4,0	Pai (pedreiro), mãe (serviços gerais), duas irmãs

Fonte: a autora

*(CI)- Código de Identificação.

** (SM)-Salário Mínimo: concedido pelo governo brasileiro em janeiro 2015 de 788,00 reais.

4.3 OBTENÇÃO DOS DEPOIMENTOS

Os participantes do estudo foram selecionados, conforme a técnica metodológica de *snowball sampling* (bola de neve). De acordo com esta técnica, o primeiro participante é uma pessoa próxima do pesquisador e, por isso, escolhida por conveniência. Este indica outra, que, por sua vez, indica um terceiro e assim por diante. A eficácia deste método vem sendo reconhecida como significativa em uma variedade de casos, sobretudo em situações em que são estudadas minorias populacionais. Por vivenciarem situações conflituosas, geralmente, essas populações são marginalizadas em algum grau, tornando difícil o acesso a essa população pelo pesquisador (Cohen, Arieli, 2011).

Com a finalidade de alcançar o objetivo proposto e responder às inquietações desta pesquisa acerca do contexto vivido pelos adolescentes homossexuais e seus familiares, foi utilizada a entrevista fenomenológica. Esta modalidade de entrevista pressupõe a abordagem centrada na empatia entre pesquisador e sujeito e constitui-se em um instrumento que permite ao participante revelar a sua experiência vivida quanto à ação no mundo social (Oliveira, 2013).

Ao serem convidados para participarem da pesquisa, os adolescentes receberam informações sobre a proposta do estudo, seus objetivos, finalidade, questões éticas envolvidas e a importância da participação. Antes de iniciar a entrevista, foi solicitada aos adolescentes a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice 1).

É importante mencionar que a pesquisadora teve a preocupação de proporcionar aos participantes a individualidade, a liberdade e a espontaneidade necessárias para relatarem suas experiências, percepções e expectativas frente à homossexualidade e que o local e horário estabelecidos para a realização das entrevistas foram escolhidos pelos adolescentes. As entrevistas ocorreram em diversos locais, sendo a maioria, realizada nas dependências da Universidade Federal do Amapá, em uma sala reservada.

Para o desvelamento do fenômeno adolescente homossexual e a sua relação com os familiares, primeiramente buscou-se a aproximação com os participantes através do estabelecimento da empatia numa relação face a face e, então, foram colocadas as seguintes perguntas norteadoras da entrevista: Conte-me como foi que

você percebeu a sua orientação homossexual. Considerando sua orientação homossexual, conte-me sobre sua vivência com seus familiares. O que você espera do convívio com seus familiares?

Foram entrevistados 12 adolescentes no período de setembro a outubro de 2015. Na ocasião, foi solicitada a permissão para a utilização do gravador, a fim de registrar os discursos na íntegra, possibilitando a organização e análise dos resultados. Todos os adolescentes permitiram a gravação da entrevista e se mostraram à vontade para falar sobre suas experiências vividas. O tempo médio de gravação das entrevistas foi de 30 a 40 minutos.

Para caracterizar os participantes e situá-los biograficamente, no roteiro da entrevista (Apêndice 2), foram incluídas perguntas que buscaram informações pessoais e sociodemográficas dos mesmos.

A fim de garantir o anonimato, os adolescentes foram identificados pela letra “A” (Adolescente), seguida do número correspondente à ordem em que as entrevistas foram realizadas (A1 a A12).

O número de participantes não foi previamente definido, sendo encerrada a obtenção dos depoimentos quando as inquietações e os objetivos do estudo foram respondidos. Na nona entrevista, observou-se a saturação teórica dos dados (Fontanella et al., 2011), tendo sido realizadas mais três entrevistas, totalizando 12 participantes.

4.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A organização e a análise dos resultados foram realizadas tendo como fundamentação estudos conduzidos por pesquisadores da Fenomenologia Social de Alfred Schütz (Jesus et al., 2013). A fim de apreender o sentido global da experiência vivida pelos adolescentes homossexuais, foram realizadas, inicialmente, leituras atentas e criteriosas de cada depoimento na íntegra. Em seguida, foi feita uma releitura dos depoimentos transcritos com o objetivo de agrupar o conteúdo significativo dos discursos, identificando a convergência de sentidos para construção das categorias concretas, uma vez que seus conteúdos emergem do vivido

(experiência vivenciada). Para compô-las, foram agrupados os aspectos comuns que expressam os conteúdos relacionados aos “motivos porque” e aos “motivos para” da ação. Após a construção das categorias, procedeu-se à análise das mesmas, o que fez emergir as características típicas da ação de ser homossexual, permitindo identificar o tipo pessoal ideal ou tipo vivido – estrutura invariável do fenômeno.

Importante destacar que a constituição do tipo vivido permitiu a compreensão da ação estudada, pois, na vida cotidiana, os homens tipificam as atividades humanas que lhes interessam para alcançar fins práticos. O que importa para a fenomenologia social não é o comportamento de cada indivíduo, mas o que pode se constituir em uma característica típica daquele grupo social que está vivendo uma dada situação do comportamento vivido (Schütz, 2012).

Após a constituição do tipo vivido, procedeu-se a sua discussão a partir da fenomenologia social de Alfred Schütz e de outros autores relacionados à temática.

4.5 ASPECTOS ÉTICOS

O projeto foi aprovado sob Parecer nº 1.197.641, de 24 de agosto de 2015. CAAE: 45984815.7.0000.0003, em (Anexo), e a coleta dos depoimentos somente foi realizada após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amapá.

A circunstância de vulnerabilidade social ocorre quando as pessoas são expostas a fatores de risco pessoais ou sociais e não conseguem manter sua auto-organização (Prati; Couto; Koller, 2009). Considerando que a população GLBTT está incluída em um grupo social vulnerável, a pesquisadora explicitou aos adolescentes a preservação de seus direitos de liberdade, privacidade e confidencialidade para participação ou não do estudo, assim como a escolha do ambiente para realização da entrevista.

Cada participante do estudo foi esclarecido sobre o objetivo da pesquisa, a manutenção do sigilo, bem como em relação à gravação e utilização dos depoimentos somente para fins acadêmicos e científicos, conforme previsto na

Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012).

Os adolescentes foram informados de que sua participação na pesquisa os expõe a um risco mínimo, isto é, o de passar por constrangimento ao responder às perguntas da entrevista e que a pesquisa poderia ser suspensa a qualquer momento, caso houvesse algum impedimento por parte da pesquisadora ou no caso de recusa dos participantes.

Tendo em vista o objetivo a que se propõe, a pesquisa pode ter beneficiado os participantes na medida em que lhes conferiu oportunidade para refletirem sobre a experiência da homossexualidade no contexto das relações familiares. No que tange aos profissionais, contribui para que as reflexões contidas no estudo fomentem novos conhecimentos e ações voltadas aos adolescentes com orientação homossexual e familiares.

5 RESULTADOS

5 RESULTADOS

5.1 CATEGORIAS CONCRETAS DO VIVIDO

A análise dos depoimentos permitiu a elaboração de categorias que representam as características típicas da vivência dos adolescentes homossexuais, a partir do contexto de significados relacionados ao tempo passado e presente (motivos porque). Tais características também se relacionam ao tempo futuro, ou seja, aos projetos representados pelas expectativas/desejos (motivos para). Esse conjunto de motivos expressos nas categorias constitui a ação social definida na fenomenologia social como a intencionalidade do indivíduo voltada para a realização de um propósito.

5.1.1 O contexto de significados relacionado à vivência de ser um adolescente homossexual e sua relação com os familiares: categorias relacionadas aos “motivos porque”

O conteúdo oriundo das questões da entrevista – “conte-me como foi que você percebeu a sua orientação homossexual?” “Considerando sua orientação homossexual, conte-me sobre sua vivência com seus familiares?” – propiciou a composição das categorias concretas que retratam os “motivos porque” da vivência de adolescentes homossexuais frente às relações com seus familiares, a saber: “Percebendo-se diferente”, “Descoberta da homossexualidade pelos familiares”, “Relação familiar conflituosa” e “Homossexualidade não revelada para a família”.

CATEGORIA 1 - Percebendo-se diferente

Desde crianças, os adolescentes percebiam-se diferentes dos outros no que se refere às atividades cotidianas como brincadeiras, gosto por vestimentas e atração pelo mesmo sexo:

“Desde criança já percebia que não era igual aos meninos da rua e de casa. Não gostava de ficar na rua jogando bola e empinando papagaio. Preferia ficar em casa brincando de bonecas com as minhas primas [...]”. A1

“Desde criança, quando eu tinha de cinco para seis anos, brincava de bonecas com minha prima. Eu cheguei a dar um beijo na boca dela e achei muito bom o que tinha acontecido. Daí em diante, notei que, quando olhava as meninas, eu sentia algo diferente [...]. Fui crescendo e achava que isso iria passar porque eu era criança, mas não, esse sentimento continuou dentro de mim, mas não podia dizer para ninguém”. A2

“Desde os seis anos, eu tinha uma paixãozinha por uma menina na escola [...]”. A4

“Desde quando eu era criança, sempre fui amigo de meninas e não de meninos. Só gostava de brincar com meninas. As brincadeiras eram sempre brincar de bonecas, de casinhas. Eu não gostava de futebol”. A6

“Desde criança, dos seis aos sete anos de idade, eu assistia televisão com meus familiares e prestava mais atenção às propagandas feitas pelos homens e todos diziam: ‘Olha essa mulher!’ Mas eu prestava atenção mesmo era nos homens”. A9

“Comecei a perceber bem criança. Eu fazia uso de objetos pessoais das minhas tias, como vestidos e sapatos. Tenho fotos com cabelos presos com chuquinhas. Conforme fui crescendo, esse hábito de usar essas coisas foi retirado pelos meus pais”. A10

“Quando criança, não gostava de brincadeiras de meninos, só de meninas. Não gostava de futebol, gostava de queimada, de ajudar fazer trabalhos domésticos em casa, ajudar minha mãe, sou o único filho homem em casa [...]”. A12

Como expresso em algumas falas, com o passar dos anos, os adolescentes foram crescendo e o desejo e a atração sentida por pessoas do mesmo sexo foram se tornando mais evidentes. Contudo, a percepção da homossexualidade foi aflorada na adolescência quando estes tiveram as primeiras experiências homoafetivas. Esse momento da vida foi marcado por dúvidas, conflitos e inseguranças pessoais quanto à orientação sexual:

[...] tinha 15 anos. Nunca tinha me envolvido com pessoas do mesmo sexo. [...] certa época, uma pessoa [...] queria me conhecer. Aí eu fui meio sem entender. Fui numa boa e sem nenhuma intenção. Passaram os dias, meses [...] ela falou para mim que queria ficar comigo. Fiquei meio assustada e pensei se realmente eu tinha vontade daquilo ou se era curiosidade. Enfim, acabei me envolvendo [...] e gostando dela. Até hoje, eu tenho minha preferência por meninas”. A3

“Aos 14 ou 15 anos [...], um menino começou a mandar mensagem para mim pelo Orkut dizendo que me achava bonito. Até então, eu não sabia que gostava de homens e sim de mulheres [...]. Na verdade, nunca namorei com menina. A partir desse momento, comecei a gostar de meninos. Eu fiquei tentando fugir disso. Achava que era algo da minha cabeça, que era errado, algo que eu não queria para mim”. A5

[...] eu tinha 15 anos. Uma menina, através de mensagens de celular tipo ‘Olha! Eu sou lésbica’. ‘Oh! Legal!’ A gente ficou a conversar e ela perguntou: ‘Tu já ficaste com alguma menina? Tu tens curiosidade?’ Eu respondi ‘Não... talvez’. É algo diferente, pois, quando eu estava na oitava

série, eu vi duas meninas se beijando e eu fiquei assustada. Daí, começamos a namorar”. A7

“Até os 13 anos, nem passava pela minha cabeça contar da existência do homossexualismo, por ter uma família tradicional. Entre 13 a 14 anos, um amigo da minha irmã me perguntou se eu já tinha ficado com homens e eu disse que não. Ele continuou insistindo [...]. Até que um dia eu cedi e acabei tendo um relacionamento com essa pessoa. Inicialmente, fiquei com medo da família e com vergonha deles saberes. Então, escondi por muito tempo. Só que, a partir dos 15 anos, acabei procurando por esse relacionamento e escondo até hoje”. A8

“[...] fui perceber mesmo aos 15 anos, que, conversando com amigo meu, ele disse que estava a fim de mim [...] até que ele me beijou e eu passei a entender o que era esse sentimento”. A9

“Quando completei 13 anos, eu entendi que eu tinha um único lado gay. Então, deixei minha relação com meninas e passei a me relacionar somente com meninos”. A10

“Quando criança, ocorreu [...] um primo que morava lá em casa me levava para o quarto e me beijava e acariciava [...] eu não reagia, achava que era uma coisa normal. Fui crescendo, só que esse gosto sempre continuou. Quanto às meninas, nunca me interessei. Somente aos 14 anos, que fui me relacionar pela primeira vez com um menino”. A11

“[...] aos 11, 12 anos, eu já olhava os rapazes mais velhos do que eu com outro olhar, um olhar diferente. Mas, como era menino de 12 anos, eu guardava para mim. Aos 15 anos, foi aflorando mais e mais. Daí, tive contato com meu primo, foi meu primeiro contato homossexual”. A12

Alguns adolescentes tiveram sua sexualidade exposta no ambiente escolar e familiar e por tal motivo vivenciaram uma acentuação dos conflitos gerados pela angústia de perceber que a sua orientação sexual era diferente da definida socialmente como norma:

“[...] eu conversava com um menino e me abri para ele. Disse que estava gostando dele. Ele fez uma sacanagem comigo. Imprimiu tudo que eu comentava com ele e começou a espalhar no colégio [...]. Então, todos começaram a tirar sarro com a minha cara com brincadeiras de mau gosto. Eu não aguentava mais. [...] pedi e implorei a mamãe para me tirar daquele colégio [...], mas ela queria saber o motivo e eu não dizia. Então, eu pensei: ‘É melhor eu tirar a minha vida’. Preparei tudo e, bem na hora, recebi uma ligação da mamãe dizendo que me amava. Achei aquilo um aviso de Deus. Então, desisti”. A5

“[...] um belo dia, minha avó comentou com meus tios: ‘ele vai ser’. Eu não entendi muito, mas fiquei com aquilo na minha cabeça. Hoje sei do que ela estava falando. Eu não sou ‘normal’ como os outros. Minha avó sempre percebia e eu sabia que ela sabia. Ela sempre comentava com meus familiares, mas eu fingia que não estava percebendo nada”. A6

Não bastassem os conflitos vivenciados no âmbito individual por meio das primeiras experiências homossexuais e, posteriormente, no âmbito social, ao terem

a orientação sexual exposta, os adolescentes relataram sofrimento referente à descoberta da homossexualidade pela família.

CATEGORIA 2 – Descoberta da homossexualidade pelos familiares

A descoberta da homossexualidade do adolescente levou muitos familiares a reagirem negativamente frente a esta situação. Muitos deixaram de falar com o mesmo e, segundo o adolescente, exteriorizaram seus preconceitos de cunho cultural e religioso. Em alguns casos, a descoberta veio acompanhada de sentimentos de decepção, gerada pela perda da expectativa de o filho seguir a heteronormatividade social que prevê a constituição da família tradicional:

“Minha mãe disse que já sabia e que já tinha percebido. A primeira reação dela foi chorar muito. Disse que, se eu precisasse, poderia procurar uma igreja evangélica [...], mas depois ficou falando: ‘tu não vais me dar nenhum neto’. Eu disse que sim e ela disse: ‘Como?’ ‘Posso adotar ou fazer inseminação artificial. Existem várias formas de eu ter filhos’. Aí ela parou mais um pouco de tocar nesse assunto”. A1.

“Logo no início, foi muito difícil para mim e meus pais. [...] minha família é muito religiosa [...], mas eu já não aguentava mais esconder meus sentimentos [...]. Quando eu tinha 15 anos, resolvi me declarar como gay na internet [...]. Minha mãe, disse que eu iria matar o meu papai de tanto desgosto se eu continuasse gay. Meu padrinho, o padre, chegou para me dar conselhos e disse que, se não mudasse, iria destruir minha família. Eu tinha que mudar, se não carregaria essa culpa para sempre”. A2.

“Logo no começo, quando eu me relacionei com uma menina, a minha mãe descobriu. Não fui eu quem disse, porque, como eu nunca tinha feito aquilo na minha vida, não fazia a mínima ideia de como agir diante dos outros e da situação. Mas as outras pessoas acabaram percebendo. Sabe aquilo que as pessoas dizem que a mãe sabe, mas ela não quer acreditar? Minha mãe me chamou e disse para eu parar com isso, pois sofreria muito preconceito na rua e na própria família. Disse que eu era muito nova e que isso iria passar, que era uma fase. Então, me proibiu de sair de casa e falou para eu deixar a menina com quem estava, mas eu não deixei”. A3.

“[...] eles descobriram da pior forma possível. Uma tia que apresentou aos meus pais fotos e vídeos meus. Meu pai não se importou tanto, mas a minha mãe surtou. [...] chorei muito. Ela gritou e disse que eu era a vergonha da família. Pediu para eu sair do quarto se não iria me matar e morrer de desgosto. Meu pai entrou no quarto e me abraçou. Disse para eu me preparar que eu iria enfrentar uma grande guerra. Minha mãe passou a me tratar com muita frieza”. A4

“Eu conheci um cara no colégio, ficamos por dois anos e, logo em seguida, terminamos. Eu fiquei muito mal e tive que contar para minha mãe. Ela ficou mal e parou de falar comigo por um tempo. Mas acho que ela já sabia (risos)”. A5

“[...] antes de eu me assumir, minha mãe descobriu. Ela não teve uma reação boa. Na época, ela me disse que eu era uma aberração e que eu tinha acabado com a vida dela. Que tudo isso que estava passando era coisa do demônio e não de Deus. Ela é evangélica. Ela disse que o Deus dela vai me curar. Depois ela me procurou e pediu desculpas, até porque ela é assistente social e [...] iria me perdoar”. A6

“A minha mãe descobriu da seguinte forma: eu conversava com várias meninas pela internet. [...] ela teve acesso a várias conversas minhas, porém não me falou nada. Desde então, pegava meu celular para ler mensagens. Até que chegou a um ponto que ela e meu pai me chamaram para conversar. Ela ficou muito abalada, e aí, ela me disse que não estava assim por eu ser homossexual, mas sim, pela visão que outras pessoas terão de mim e o preconceito”. A10

Apesar de a família, inicialmente, surpreender-se com a descoberta da homossexualidade do adolescente, muitos familiares adotaram uma atitude mais compreensiva frente a sua orientação sexual:

“[...] meu pai perguntou se eu era gay. Eu falei com ele que sim. Ele disse que eu não precisava chorar e que, se eu estava feliz, ele era feliz também, pois ele só queria minha felicidade. Por incrível que pareça, ele foi mais compreensivo do que minha mãe”. A1

“[...] minha mãe [...] passou uns nove meses sem falar comigo. Eu tentava falar com ela e nada. Daí, fiquei indo para casa da minha avó, que sabia, mas até hoje não aceita. Voltei a falar com minha mãe, há pouco tempo. [...] temos uma relação muito boa hoje. [...] ela passou a me orientar para me prevenir nas minhas relações [...]. Ela falou para eu ter muito cuidado com isso e, ainda, para não machucar o coração”. A5

“Com a minha avó, foi mais tranquilo. Ela se sentou do meu lado conversou comigo e disse que já sabia que eu não gostava de meninas desde quando eu era criança. Disse que aquele menino que eu levo em casa não é só meu amigo e que, por ela, não tem problema, que eu posso levar qualquer pessoa que seja boa”. A6

“O meu pai sempre foi muito respeitoso. Já a minha mãe, rolou um cabo de guerra com ela, mas hoje ela aceita [...] A minha irmã mais velha, no início, tinha certa inimizade e, depois, quando minhas tias ficaram sabendo, diziam para ela que devia me acompanhar. Desde então, ficamos muito amigos. Hoje estou namorando. [...] desde que nos conhecemos, ele frequenta minha casa [...] nem a minha mãe, nem meu pai não falaram nada [...]. Meus pais até pediram, e eu até me surpreendi, que ele não dormisse durante a semana para não atrapalhar os estudos”. A10

“No dia em que eu revelei, minha mãe não falou comigo e nem chorou. Eu que chorei muito. Ela me abraçou e me pediu calma. Disse que tudo iria dar certo, que ela me amava, que iria me amar mais ainda, que eu podia contar com ela. Só que ela pediu para não contar para meu pai, até porque eu e ela somos sustentados por ele. Os dois vivem separados. Ela disse para não contar porque ela tinha muito medo dele”. A11

“Com 15 anos, ao dançar quadrilha no colégio, chamei um rapaz e daí nós ficamos e outras pessoas viram [...]. Cheguei e falei com minha mãe que tinha ficado com um rapaz, que eu gostava de rapazes e que preferia contar para ela antes de outras pessoas contarem. Ela me abraçou e chorou muito.

Disse que já tinha desconfiado e contou que meu cunhado já tinha comentado. Ela disse que, independente se gosto de homem ou mulher, ela sempre vai me amar e que nunca deixarei de ser filho dela. Pediu para me cuidar. Eu vou continuar sendo seu filho e a estudar para dar orgulho à família. No mesmo dia, contei para minhas irmãs e elas choraram, pois se assustaram. A menor tirou gracinhas comigo, a irmã mais velha passou a dar conselhos. Ela dizia para ter cuidado com quem eu iria me envolver para me proteger”. A12

Tendo confirmado ou não, verbalmente, sua orientação sexual, em geral, os adolescentes relataram conflitos familiares relacionados à descoberta da homossexualidade.

CATEGORIA 3 - Relação familiar conflituosa

O adolescente homossexual convive em uma atmosfera de conflitos gerados pela homofobia internalizada no seio familiar. Esse ambiente é permeado por ameaça, chantagem, ofensa, agressão física e verbal, coerção da liberdade, além de julgamentos morais e religiosos por parte dos pais e familiares:

“[...] minha avó me chamou para conversar. Ela disse que se equivocou que eu precisava de ajuda. Só que minha avó se deixa levar muito pela minha tia e eu não esperava que minha tia fosse assim. Ela é enfermeira [...] elas me surpreenderam, me falaram muitas palavras de ofender [...]. Eu não falei nada, fiquei calada, fui saindo de perto e fui desabando, chorando muito e isso me deixou muito chateada. Minhas primas se aproximaram e disseram que a culpa da vovó estar triste era minha. Então eu disse: ‘Para ela ficar alegre, eu tenho que ficar triste?’”. A1

“[...] um belo dia, minha mãe foi ao meu quarto e disse que ela já sabia que estava com um cara e que meu pai queria falar comigo. Eu pensei: ‘Ele vai me matar e me bater’. Mas quando cheguei perto, ele estava muito triste e chorando. Nunca tinha visto meu pai chorando em toda minha vida. Ele perguntou por que eu tinha tomado aquela atitude pela internet. Ele achava que foi porque ele não me deixava sair ou brincar com meninos. Estava se sentindo culpado. [...] eu disse que não era por isso e que ele não precisava se sentir culpado. Era porque eu era assim mesmo”. A2

“Quando minha mãe descobriu, chorou muito e eu também chorei, [...] eu amo minha mãe. Ela me disse que me preferia ver grávida a me ver com meninas, mas as coisas não são bem assim. Ela disse que não queria aquilo para mim. Ela jamais imaginava, mas eu não conseguia me afastar da menina com quem eu estava. Ela contou para meu pai e chegou a me bater [...] acho que foi o momento de raiva dela ter me agredido. Então, hoje os meus pais e meus irmãos sabem. Mas o resto da família não sabe [...] hoje eu ouço, de vez em quando, umas indiretas da minha irmã e da minha mãe. Minha irmã diz que é homofóbica, que não aguenta ver duas pessoas do mesmo sexo se relacionando, que isso é errado e contra nossa religião [...] eu fico triste e com medo de ser excluída da família nos momentos de reuniões por ser homossexual”. A3

“Minha mãe é homofóbica. Nossa relação é péssima. A convivência com meus familiares não é como eu esperava. Eu sabia que seria difícil, por conta da minha mãe, mas não tão difícil assim. Ela não aceita de forma alguma, nem dos filhos dos outros, ainda mais a filha dela”. A4

“Minha avó, às vezes, ela me chama de monstro. Diz que o que eu faço não é de Deus. Minha tia também. [...] fala que sou errado e que eu fico brincando com minha avó [...] que isso é coisa do demônio”. A5

“Minha mãe não sabia [...]. Ela desconfiava. Eu namoro escondido porque ela não aceita outro tipo de relacionamento. Ela é muito religiosa. É católica e só aceita família tradicional. Um dia, ela pegou o celular, descobriu e perguntou: ‘Que história é essa que tu estas namorando uma menina?’ Neguei. ‘Se eu sonhar que eu tenho uma filha sapatão, vou me jogar na frente de um caminhão’. Eu continuei negando”. A7

“Eu tinha um celular e ela (mãe) me tirou. Eu tinha 14 para 15 anos. Ela me deixou um bom tempo sem internet, me encaminhou para um psicólogo e me deixou um bom tempo sem sair [...] ter contato com outras pessoas. [...] me trocou de escola. Ela disse que eu era muito novo para saber o que eu queria. Então, ela disse que eu teria que mudar de amigos [...]”. A10

“Quando fiz 15 anos [...], eu estava muito angustiado e comecei a choramingar. Minha mãe notou e perguntou o que estava acontecendo. Eu falei: ‘Mãe, quero conversar. Está acontecendo isso e aquilo e não estou mais aguentando ficar assim. Meu irmão fica me ameaçando e não quero ficar desse jeito. Quero ter uma vida normal. Não quero sofrer ameaças do meu irmão. Não quero esconder nada da senhora por conta dele. Estou gostando de um menino’”. A11

“Não consigo conversar com minha mãe hoje sobre o assunto. Atualmente nosso relacionamento é uma mentira. Com as minhas irmãs também nunca mais conversei. A minha irmã do meio é evangélica. [...] dizia que tínhamos que orar muito, que Deus abomina isso [...]”. A11

Enquanto alguns adolescentes conseguiram conversar com seus familiares sobre sua orientação sexual, outros mencionaram medo do preconceito e da reação dos mesmos e, por isso, optaram por não fazerem a confirmação da homossexualidade.

CATEGORIA 4 - Homossexualidade não verbalizada para os familiares

Temendo a reação dos familiares em virtude do que a sociedade determina como orientação sexual correta, alguns adolescentes optaram por não verbalizar sua homossexualidade tendo em vista não se sentirem preparados. Contudo, reconhecem que é preciso conversar sobre o assunto com seus familiares:

“[...] em casa, a gente evita conversar sobre esse assunto (orientação sexual). Eu converso com meus amigos e nunca com meus familiares. Sempre tirei todas as minhas dúvidas com meus amigos”. A6

“Não converso com meus pais sobre isso. Eles são homofóbicos. Ainda mais quando a minha mãe comentou que iria se jogar na frente do caminhão. Ela me assustou muito com isso e até hoje não comento com ela. Nossa conversa é só quando ela fala que eu não me arrumo muito, não passo batom e que as pessoas vão pensar que eu sou sapatão. Mas eu não estou nem aí com o que as pessoas vão pensar [...] eu não dependo deles”. A7

“Meus familiares não sabem. [...] eu não admiti para eles [...]. As minhas irmãs e minha mãe, às vezes jogam verde, quando durmo fora de casa. ‘Olha, meu filho, quando você for dormir fora de casa, seja com sua namorada, seu amigo, ou seja lá quem for, por favor, me avise, pois quero saber como e onde você está’. Recebo indiretas para eu falar. Eles querem que eu fale. Eu percebo isso. [...] minha mãe [...] fica dizendo que tem uma amiga que tem um filho homossexual assumido e que ela está muito triste e pede ajuda a minha mãe. [...] ela conversa com a amiga dando conselho que ela deve aceitar, pois são novos tempos. Eu sinto que ela fica forçando para eu falar, mas não me sinto à vontade para falar”. A8

“Minha família não sabe de mim. Se sabem, não querem dizer [...]. Conversei com a minha mãe sobre esses casos (homossexualidade), porque ela trabalha na área da saúde. Ela comenta que os homossexuais são motivos de chacotas, humilhação e ela sente mal porque são pessoas ‘normais’. Mas eu acho que, se um dia, eu falar para ela, pelas atitudes dela, ela não vai aceitar [...] nem meu pai. Eles não sabem, mas eu acho que sabem. Está muito na cara meus gostos e meus amigos. Às vezes, meu irmão me indaga algumas coisas. Pergunta se já tive relações com uma amiga. Mas eu creio que ele sabe. Acho que eles não vão aceitar porque eles acham que os homossexuais são motivos de chacotas. Então, ela não vai querer que o filho dela seja motivo de chacota [...]”. A9

O contexto familiar conflituoso decorrente da orientação sexual do adolescente faz com que este vislumbre como expectativa a aceitação de sua homossexualidade pela família. Apesar dos preconceitos a que estão submetidos, os adolescentes esperam manter os laços familiares.

5.1.2 Expectativas do adolescente homossexual e a relação com os familiares: categorias relacionadas aos “motivos para”

A análise dos depoimentos, a partir da questão: “O que você espera do convívio com seus familiares?”, fez emergir as categorias: “Ter a orientação sexual aceita pela família”, “Buscar a independência financeira” e “Manter os laços familiares”, que traduzem os “motivos para” da vivência dos adolescentes frente à relação com seus familiares.

CATEGORIA 1 – Ser respeitado pela família frente à orientação sexual

Ao serem questionados sobre o que esperam do convívio com seus familiares, os adolescentes expressaram o desejo de ser respeitados no seio familiar como homossexual. Contudo eles encontram barreiras relacionadas à posição homofóbica dos familiares que adotam o patriarcalismo como modelo de família, o que dificulta a concretização dessa expectativa:

“Eu esperava que eles fossem se surpreender e, logo depois, me aceitar do jeito que sou [...]. Sei que para eles é difícil, ainda mais que eles são de outras gerações e muito religiosos. [...] por isso que eu não fico mais tão triste. Já chorei muito, mas também tenho que compreendê-los. Espero viver bem e que eles me aceitem do jeito que sou. Meu irmão de 17 anos já me aceita. O de 8 anos não comenta nada. Acho que é porque ainda é criança e não entende nada ainda”. A2

“[...] o que mais me interessa são meus familiares que convivem comigo e não os demais da família. [...] eu pretendo terminar minha faculdade e sair de casa [...]. Eles vão ter que me aceitar, conviver comigo, me respeitar e me ver com outra pessoa. Acima de tudo não fazer diferença de mim com as outras minhas irmãs, pois sinceramente eu me sentiria a pessoa mais infeliz do mundo, pois nós sempre fomos muito unidos em casa. Eu esperava que ela (mãe) não soubesse pela boca dos outros e que nós tivéssemos uma conversa amigável. Que eu não tivesse que esconder nada da minha mãe e da minha irmã, que ela pudesse me entender mais. A3

“Eu esperava que ela (mãe) fosse entender com o tempo [...]. Ela comenta sempre que gostaria de me ver um dia casar na igreja e ter filhos. Sempre ela me cobra: ‘Cadê teu namorado?’. ‘Olha tu tens que ter um namorado para calar a boca da família do teu pai’. ‘Tu és tão bonita e não arranja namorado!’. A4

“[...] ela nunca vai aceitar. Eu sofro com isso porque todo mundo espera que sua família lhe aceite do jeito que você é. Eu sabia que ela nunca iria aceitar a minha orientação sexual”. A7

“[...] vivemos numa boa, mas às vezes eu penso que, se falasse, ficaria melhor. Só que eu vejo que o problema não está neles, mas na minha falta de coragem de falar para eles em virtude de ser uma família muito tradicional, onde homem nasceu para mulher e mulher nasceu para homem. Não existe homem com homem e mulher com mulher [...]. A convivência com meus familiares poderia ser melhor se eu contasse, mas destaco que essa mente aberta dos meus familiares hoje não foi de sempre [...] são professores e recebem esses ensinamentos para terem mentes abertas e tem que aprender a lidar com diferentes alunos”. A8

“Eu esperava que eles aceitassem, até porque meus familiares trabalham com o público em geral [...] queria que a cabeça deles fosse mais aberta, mas infelizmente não é. Independente da minha sexualidade, eu espero respeito [...]”. A9

“Com minhas tias, eu espero maior aceitação. Dos meus pais a mesma coisa e um pouco mais de respeito. [...] até porque eles nunca foram meus amigos. Nunca chegam para conversar sobre sexo e sexualidade. Uma única vez, meu pai falou sobre sexo comigo porque ele viu uma reportagem

do número elevado de aids. [...] ele falou comigo para eu usar camisinha”. A10

“Espero que só melhore. Com relação ao meu cunhado, que é preconceituoso, conservador, machista [...] espero que, no decorrer do tempo, possamos conversar, bater no ombro um do outro e cumprimentar. Em relação ao meu pai, eu imagino que tudo pode melhorar porque pior não pode ficar. Minhas irmãs eu não posso nem falar porque está tudo bem e com minha mãe espero que melhore cada vez mais”. A12

Além da busca do respeito e aceitação da orientação sexual pela família, os adolescentes desejam conquistar a independência financeira.

CATEGORIA 2 – Buscar a independência financeira

Não depender financeiramente da família configura-se como uma das expectativas dos adolescentes vislumbrada como possibilidade de viver e expressar livremente sua homossexualidade. Para tal, a maioria menciona a importância de investir nos estudos:

[...] quero ter independência financeira e me formar porque, querendo ou não, dependo do meu pai”. A1

“Quero trabalhar e ter minha independência financeira. Penso em morar só”. A2

[...] quero estudar e não depender de companheiro ou companheira”. A3

“Para meu futuro, pretendo ser bem-sucedida, formada e estar com a minha namorada”. A4

[...] crescer profissionalmente. Gosto do meu curso [...] de ser Consultor de Modas”. A5

“Eu penso em me formar, trabalhar, ter meu dinheiro e chegar a dizer ‘Olha, sou isso, isso e isso’. Vou ser quem eu sou de verdade, mas hoje eu dependo deles e não posso fazer isso. Tenho muita dificuldade em viver como eu sou. Quando eu tiver minha independência, eu falo. Eles vão ter que me engolir (risos)”. A7

“Eu penso na minha independência financeira, em ter meu cantinho [...]”. A10

“Eu espero o melhor para o futuro [...] estudar, me formar, conseguir um emprego, seguir um mestrado, doutorado. Pretendo fazer medicina que é um dos meus sonhos e ficar independente do meu pai [...] no futuro dizer que sou gay, que sou homossexual [...] e ele não jogar na minha cara de não me aceitar. Já minha mãe eu sei que ela nunca vai me abandonar, me renegar [...]. Pretendo dedicar aos meus estudos, ter independência”. A11

“No futuro, quero me formar, dar o melhor para minha mãe e para meu pai. Ter minha independência financeira”. A12

Ao conquistarem a independência financeira, os adolescentes pretendem manter os laços familiares, independentemente da aceitação ou não da família, pois acreditam que a relação familiar poderá melhorar no futuro.

CATEGORIA 3 – Manter os laços familiares

Apesar das dificuldades relacionadas à aceitação de sua orientação sexual, os adolescentes reconhecem a importância das relações familiares. Por isso têm como expectativa manter estes laços, morar perto ou com a família, ajudando-a financeiramente:

“Quero morar com minha família [...]. Pretendo manter contato com meus familiares”. A1

“[...] quero manter contato com meus familiares sempre, pois eu os amo. [...] talvez não sairei de casa. Hoje minha mãe é minha amiga. Conto muita coisa para ela. Espero que nossa relação melhore cada vez mais”. A2

“[...] manter a relação com a minha família, mesmo com todo sofrimento. Não quero me afastar principalmente da minha mãe”. A4

“No futuro, quero sair de Macapá, mas não deixar minha mãe [...] e que a minha mãe aceitasse alguém no futuro para viver comigo”. A5.

“Eu espero que ela (mãe) não mude comigo e respeite a minha escolha”. A7

“[...] não afastar dos meus pais, morando perto [...] falando com eles todos os dias ou então quando der [...]”. A10

“Pretendo conviver com minha mãe, morar ou não com ela, mas sempre estar próximo porque sempre penso que ela abriu mão da vida pessoal dela por nós filhos. Eu nunca quero deixá-la”. A11

“Mesmo morando longe dos meus pais atualmente, no futuro, quero trazê-los para perto de mim. Vou fazer isso se eles quiserem porque são acostumados no interior. [...] eu sinto muito a presença deles comigo. Vou dar o melhor para eles, convivendo com eles”. A12.

5.2 TIPIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA VIVIDA

A tipificação emerge das ações e projeções dos indivíduos no mundo social por meio da articulação entre os “motivos porque” e “motivos para” da ação humana. Trata-se de um esquema teórico que possibilita a interpretação de situações únicas, vividas pelo indivíduo/grupo, que têm origem em motivos peculiares, com fins característicos e com um sentido social específico (Schütz, 2012).

No presente estudo, este esquema representa as características típicas da vivência do adolescente homossexual no contexto de sua relação com os familiares. Assim, para constituição do tipo vivido, foi necessário retornar a cada categoria concreta em busca daquilo que era comum e, portanto, típico da ação do adolescente homossexual frente à relação com seus familiares.

5.2.1 Típico da ação do adolescente homossexual que vivencia a relação com os familiares

O adolescente homossexual que vivencia a relação com seus familiares é aquele que se percebeu, desde a infância, com uma orientação sexual diferente das pessoas do mesmo sexo. A revelação ou não da homossexualidade aos familiares desencadeou dúvidas, inseguranças, gerando um relacionamento conflituoso no seio familiar. Em meio à diversidade vivida no meio familiar, ele tem como expectativa ter a orientação sexual aceita pela família, conquistar independência financeira e manter os laços familiares.

6 DISCUSSÃO

6 DISCUSSÃO

A realidade social em que adolescentes homossexuais e seus familiares estão inseridos é permeada pela heteronormatividade, fazendo com que o desvelamento da orientação sexual do adolescente culmine em conflitos familiares decorrentes dos preconceitos, estigma social, estereótipos construídos socialmente e cristalizados pelas instituições sociais (família, escola, igreja, etc.). Este contexto, denominado de mundo da vida pela fenomenologia social, vai determinar a ação do adolescente frente à relação com seus familiares, em que desvela ou encobre sua orientação sexual.

No presente estudo, os adolescentes perceberam-se, desde criança, como diferentes das demais pessoas do mesmo sexo. Com o passar dos anos, sua identidade homossexual foi se cristalizando. O processo de construção da identidade homossexual foi permeado por conflitos familiares e em outros contextos sociais. Uma pesquisa realizada no interior de São Paulo, Brasil, também mostrou que os adolescentes perceberam seus desejos homossexuais a partir dos sete anos de idade e que, somente na adolescência, vieram a expressá-los (Silva et al., 2015).

A construção da identidade sexual pressupõe transpor diferentes fases iniciadas logo na infância. Na primeira fase, denominada de sensibilização, a criança tem uma percepção geral da marginalidade e do sentimento de diferença em relação aos pares do mesmo sexo. As categorizações sociais em termos de homo, hetero e bissexualidade ainda não adquiriram um sentido de comportamento sexualizado (Maiffret, Vasconcellos-Bernstein, 2015).

A segunda fase caracteriza-se pela confusão identitária na qual o adolescente começa a pensar que seus sentimentos e comportamentos podem ser percebidos como homossexuais. Contudo a ideia de que ele é potencialmente homossexual é dissonante da autoimagem preponderante até então, o que o leva à confusão identitária. Esta fase é marcada pelo conflito entre seus desejos e o que é esperado dele (Maiffret, Vasconcellos-Bernstein, 2015).

No final da adolescência, torna-se possível a autoaceitação como homossexual caracterizada pela conciliação, já que houve, pelo menos

parcialmente, a resolução da confusão identitária. Neste período, ocorrem a associação com os pares, as primeiras experiências sexuais e a exploração da cultura homossexual (Maiffret, Vasconcellos-Bernstein, 2015).

A última fase diz respeito ao engajamento da homossexualidade como modo de vida. Mesmo reconhecendo seu pertencimento ao grupo dos homossexuais, certos indivíduos abandonam as estratégias desenvolvidas de engajamento para privilegiar a discrição e a invisibilidade social (Maiffret, Vasconcellos-Bernstein, 2015).

Ressalta-se que a apropriação da orientação sexual se estabelece na adolescência, no entanto, sua percepção pode ocorrer antes das primeiras experiências homoeróticas. O processo de identificação com sua sexualidade pode ser complexo, sendo vivido pela pessoa como transgressão, o que desencadeia um sentimento de estranheza, quando da percepção do desejo homossexual. Uma vez que vão gradativamente se aceitando e reconhecendo-se homossexuais, os conflitos vão paulatinamente reduzindo. Entretanto, esse reconhecimento não elimina o sofrimento resultante do descompasso entre o perceber-se homossexual e o comportamento heterossexual legitimado socialmente (Taquette, Rodrigues, 2015).

Os resultados da presente investigação mostraram que, ao deixar vir à tona sua orientação homossexual no ambiente escolar, o adolescente passa a ser vítima de *bullying* pelos colegas. Estudo de reflexão mostrou que são comuns nas escolas brasileiras tratamentos discriminatórios, ofensas, injúrias, agressões físicas e verbais direcionados às crianças e adolescentes homossexuais. Colegas heterossexuais criam apelidos e expressões que inferiorizam os homossexuais. Também os professores e demais servidores das instituições de ensino, muitas vezes, fazem piadas de escárnio, e o adolescente homossexual torna-se alvo de toda forma de homofobia.

Ressalta-se que as consequências da homofobia nas escolas podem ser desastrosas na vida do estudante homossexual, produzindo isolamentos, inseguranças e segregações. Estas poderão interferir no sucesso e rendimento escolar, levando ao desinteresse pela escola e provável abandono dos estudos (Souza, 2016).

As instituições escolares tendem a reproduzir as normas sociais acerca da sexualidade humana, criando um espaço, nem sempre acolhedor, para a diversidade sexual. Sendo a escola uma das instituições que pode desempenhar um forte controle heteronormativo, e, estando a heteronormatividade presente em seus discursos, silêncios e práticas, faz-se necessário repensar a lógica e desvelar os mecanismos de exclusão de estudantes com orientação homossexual presentes no cotidiano escolar. A tolerância deve ser trabalhada no espaço escolar, visando a uma convivência harmoniosa das diferentes manifestações da sexualidade humana (Pinho, Pulcino, 2016).

Ainda na infância, insinuação por parte de membros familiares sobre a possível homossexualidade do adolescente também desencadeou sentimentos de angústia ao confrontar sua sexualidade com a norma heterossexual valorizada pela família. Estes achados são corroborados por um estudo conduzido em São Paulo, que mostrou que a percepção precoce dos desejos homossexuais de adolescentes levou à insegurança e dificuldades que permearam a formação da sua identidade sexual. Além disso, evidenciou-se o medo da rejeição social, diante da escola e rede familiar (Silva et al.,2015).

As experiências do adolescente homossexual no que diz respeito ao convívio com os familiares e demais pessoas do seu meio social, como a escola, a igreja, perpassam uma relação de intersubjetividade que nem sempre é positiva e geradora de relações harmoniosas. Na maioria das vezes, essas relações deixam vir à tona as crenças, valores, idealizações heterossexistas que fazem parte da bagagem de conhecimentos dos atores sociais envolvidos.

Nesse sentido, aquilo que o adolescente aprendeu com a família, amigos, instituições escolares e religiosas constitui elemento que compõe também sua bagagem de conhecimentos sobre a homossexualidade. Esta bagagem determina sua ação no mundo social, fornecendo elementos que possibilitam ou não assumir perante a família e sociedade em geral sua orientação sexual. Ela pode também ser geradora de conflitos com ele mesmo e com o outro, ou, dependendo da situação, faz com que o adolescente viva de modo positivo sua sexualidade.

A construção do significado da homossexualidade na família de origem geralmente se dá por meio de uma concepção preconceituosa e estereotipada, comumente reforçada pelas crenças religiosas, papéis de gênero e conceitos de

saúde e doença. Isso gera nos adolescentes homossexuais um sentimento de medo, ao expressarem sua orientação sexual diante da própria família e sociedade, o que caracteriza um relacionamento familiar e social discriminatório (Silva et al., 2015).

Na presente pesquisa, a revelação da homossexualidade no ambiente familiar trouxe a reação negativa por parte dos membros da família que culminou em conflitos no ambiente familiar. Pesquisa realizada no interior de São Paulo, Brasil, mostrou as difíceis situações vivenciadas por homossexuais masculinos, inclusive no momento de contar para suas famílias sobre sua orientação sexual. Mesmo havendo outras pessoas com orientação homossexual em suas famílias, foram mais frequentes os relatos de rejeição do que os de aceitação e de diálogo aberto sobre a homossexualidade. De um modo geral, esta dificuldade apareceu, sobretudo, no relacionamento com o pai. Quando a família de origem não tinha o conhecimento da orientação homossexual, a dificuldade ficava em torno de disfarçar seus comportamentos e sentimentos (Silva et al., 2015).

Estudo realizado nos Estados Unidos da América com 14 pessoas com irmãos adolescentes homossexuais evidenciou que os mesmos, ao descobrirem a orientação sexual do irmão, relataram sentir uma sensação de choque. Essa sensação foi justificada por ter sido este um fato novo em suas vidas, já que nunca tiveram experiência com outras pessoas com orientação homossexual. Alguns expressaram frustração de pensar que a infância compartilhada com o irmão não tinha sido verdadeira, considerando o desvio da norma heterossexual. A experiência incluiu a sensação de que seu irmão homossexual era estranho e não fazia parte do mundo fraternal, o que levou a um aumento na distância entre eles (Hilton, Szymanski, 2011).

Outro estudo norte-americano mostrou que a rejeição da família frente à orientação sexual e à expressão de gênero de um grupo de jovens adultos homossexuais configura-se como preditor de problemas de saúde. Os que apresentaram maiores taxas de rejeição familiar durante a adolescência foram 8,4 vezes mais propensos à tentativa de suicídio; 5,9 vezes, a altos níveis de depressão; 3,4 vezes a usar drogas ilegais e 3,4 vezes mais propensos a se envolverem em uma relação sexual desprotegida quando comparados com aqueles que referiram nenhum ou baixo nível de rejeição familiar (Ryan, Diaz, Sanchez, 2009).

Nesse sentido, no espaço familiar, as tensões existentes entre o adolescente homossexual e a figura dos pais que desejam heterossexualizar o seu comportamento deixam este ambiente nem sempre como um lugar tranquilo para as relações familiares (Murasaki, Galheigo, 2016).

A família, ao deixar emergir preconceitos de cunho cultural originados da heteronormatividade socialmente imposta, enfrenta conflitos no seu relacionamento com o adolescente. A família educa o filho para a heterossexualidade, acreditando que esta expressão da sexualidade seja algo natural, universal, imutável e divino. Pais e filhos acabam sendo vítimas de uma educação conservadora orientada para a institucionalização do heterossexismo (Souza, 2016; Longaray, Ribeiro, 2015).

A expectativa por parte dos pais sobre a heterossexualidade dos filhos começa ainda nos primeiros meses de vida da criança. Vivendo numa sociedade machista, em que predomina o heterossexismo, é comum o uso das expressões “meu filho vai ser/é macho”, “meu filho é um garanhão”, etc. À medida que a criança vai crescendo, aumentam também as cobranças, seja com brincadeiras com os meninos adolescentes sobre as namoradas, seja a cobrança de casamento aos jovens acima dos 18 anos. Alguns pais ainda levam seus filhos (homens) adolescentes em casas de prostituição para que os mesmos tenham sua vida sexual iniciada por uma mulher, de forma a reprimir a menor possibilidade de homossexualidade (Souza, 2016).

De modo geral, os pais temem que seus filhos sejam homossexuais e, desde cedo, adotam (conscientes ou inconscientes) estratégias para formar a orientação sexual do filho. Os pais (homens) se sentem ameaçados quando seus filhos, embora crianças, não dão sinais da “firmeza masculina”. Em geral, quando os meninos apresentam a voz fina, têm interesse por brincadeiras de meninas ou têm postura corporal afeminada, despertam uma maior preocupação nos pais, que veem neste comportamento a homossexualidade de forma latente. Muitas vezes, chegam a proibir os meninos de sentarem dessa ou daquela forma. Os pais acabam tornando-se verdadeiros vigilantes no comportamento dos filhos, seja no andar, no falar ou gesticular. Quando percebem algum sinal indicativo de homossexualidade, encaminham seus filhos para psiquiatras ou psicólogos na esperança de uma “possível” cura (Souza, 2016).

Os meninos são instigados a reafirmarem sua masculinidade para a sociedade com demonstrações de força, virilidade e violência física para receberem a aprovação por parte de familiares e amigos. E assim os meninos começam a desenvolver um “esboço homofóbico”, espécie de aversão aos outros meninos com comportamentos femininos, inclusive, policiando-se, de forma a reprimir seus corpos e desejos. Sem dúvidas, a família é a que mais contribui para a formação do preconceito que nasce do temor à homossexualidade dentro de casa (Souza, 2016).

A família configura-se, portanto, como um dos instrumentos utilizados para o governo da vida dos sujeitos em sociedade. Ela, a partir de suas diferentes estratégias ou práticas normativas, busca conduzir a vida dos seus membros, regulando seus modos de ser. A família está envolvida no disciplinamento dos corpos e dos indivíduos, normalizando-os e trazendo-os para a norma heterossexual (Longaray, Ribeiro, 2015).

Desse modo, as crenças de cada família em torno dos papéis sexuais e sociais pesam negativamente na aceitação da homossexualidade (Silva et al., 2015). Estudo realizado na região centro-oeste do Paraná, Brasil, mostrou que, devido à organização heteronormativa da sociedade, a possibilidade de ter um filho ou uma filha homossexual sequer é pensada. Quando se deparam com essa situação, os pais iniciam um trajeto de diversos embates entre as suas concepções e o amor dos filhos. A delimitação dos papéis de gênero, a ideia do que é ser homem ou mulher, a forma "correta" de expressão da sexualidade, os planos futuros feitos em torno de uma provável relação heterossexual do adolescente, tudo isso é revisto, repensado, desconstruído e reconstruído (Hauer, Guimarães, 2015).

Estudo realizado com homossexuais de uma comunidade negra dos Estados Unidos da América evidenciou expectativas de masculinidade por pais e comunidade que reforçavam a homonegatividade. A homossexualidade era vista como contradição ao significado de ser homem negro, ou seja, másculo e heterossexual. A homossexualidade era associada a estereótipos exagerados de ser fraco e efeminado (Quinn, Dickson-Gomez, 2016). Comportamentos considerados de determinado gênero são confundidos com a orientação sexual da pessoa. Assim, é corrente a crença de que, se a pessoa é homossexual, conseqüentemente terá um comportamento de gênero relativo ao seu oposto (Murasaki, Galheigo, 2016).

O preconceito e a discriminação direcionados ao homossexual tornaram-se conhecidos por homofobia, entendida como aversão e ódio resultante do desprezo voltado aos homossexuais. Jovens e adultos homossexuais que sofrem com o fardo do preconceito no dia a dia, seja em casa, seja no mercado de trabalho ou nas escolas e em outros espaços sociais, são, muitas vezes, alvos de zombarias, olhares e piadas que denigrem, levam à baixa autoestima e, por consequência, à depressão e ao suicídio. Há casos em que a homofobia torna-se justificativa para homicídios contra os homoeróticos (Souza, 2016).

Quando a família não consegue suprimir a manifestação da homossexualidade do adolescente, emerge no seio familiar e social a violência nas mais diversas manifestações. Estudo realizado no Rio de Janeiro, Brasil, com adolescentes com idade entre 15 e 19 anos mostrou que a maioria deles relatou vivências de episódios de violência exercidos no âmbito familiar e social, tais como ofensas pessoais e agressões físicas (Taquette, Rodrigues, 2015).

Para evitar a execração pública e a desonra dos familiares, eram e ainda hoje são comuns as repressões à tendência homossexual nos lares de muitas famílias no Brasil, desde agressões verbais, espancamentos, expulsão de casa, e até mesmo o homicídio. Alguns pais podem até tolerar a notícia de que o filho é gay, desde que ele não seja afeminado e que vizinhos e outros parentes não saibam. Os pais consideram desagradável saber que um dos filhos está sendo alvo de comentários que possam comprometer a imagem da família (Souza, 2016).

Estudo realizado com 316 indivíduos homossexuais nos municípios de Juazeiro do Norte e Crato, Ceará, Brasil, trouxe o perfil de violência psicológica. A maioria dos participantes (249 pessoas) já sofreu violência psicológica e verbal alguma vez na vida. Entre os principais tipos de violência psicológica comumente perpetrados contra esta população, estão as ofensas pronunciadas por indivíduos que se encontram a certa distância física (77,5%), seguidos de insultos proferidos por indivíduos que estão a uma distância física reduzida (74,7%) e, posteriormente, por pressões para que alterem a orientação sexual (67,1%). Houve predominância de agressores conhecidos, com destaque para membros familiares (45,0%); entre os agressores desconhecidos, sobressaíram as pessoas da rua (45,4%). Ante os problemas psicológicos associados à violência sofrida, prevaleceu o sentimento de

tristeza (52,2%), seguido por baixa autoestima (37,7%) e ansiedade (35,7%) (Albuquerque et al., 2016).

Pesquisa realizada nos Estados Unidos da América com 351 lésbicas mostrou que a exposição da homossexualidade teve efeito sobre a saúde mental das jovens. Verificaram-se casos de depressão em 26,5% das mulheres afrodescendentes; 19,7% das de descendência latina e 53,8% das brancas. Entre as pessoas da família que tiveram conhecimento sobre a homossexualidade, figuram majoritariamente os irmãos, seguidos da mãe e do pai. As afro-americanas eram menos propensas a revelar sua orientação sexual para a família. O estudo mostrou que não houve associação entre a divulgação da homossexualidade para um dos pais ou irmãos e depressão para a amostra total. Apesar de as atitudes em relação à população homossexual estarem melhorando nos EUA, enfatiza-se que a divulgação dessa orientação sexual ainda pode provocar riscos para as mulheres (Aranda et al., 2015).

Se, por um lado, a cultura heteronormativa desencadeia conflitos no ambiente familiar do adolescente homossexual, os valores religiosos também contribuem para a cristalização do comportamento heterossexual como norma social. As instituições religiosas, a partir de seus ritos e crenças, determinam quais comportamentos são admitidos social e moralmente para conduzir a vida dos indivíduos. Por meio de suas enunciações religiosas, algumas instituições buscam estabelecer a norma a partir daquilo que está escrito na Bíblia, por exemplo. Nessas instâncias, reforça-se a heterossexualidade como única forma legítima e natural de relação afetivo-sexual. As práticas transgressoras de gênero e sexualidade são censuradas e capturadas, por exemplo, pelo discurso da salvação (Longaray, Ribeiro, 2015).

A religião e suas interpretações a respeito da homossexualidade são, com frequência, mantenedoras de significados negativos que dificultam mudanças necessárias para a aceitação e a legitimação da mesma. Acontece que, nessas denominações religiosas, as crenças do que é "puro" ou "impuro" dificultam a aceitação e a mudança social mais amplas. Isso se torna evidente nas situações em que homens com orientação homossexual se afastaram de suas respectivas igrejas para vivenciarem sua sexualidade ou, ainda, procuraram uma igreja "inclusiva", que aceitasse homossexuais (Silva et al., 2015).

Estudo realizado nos Estados Unidos da América evidenciou que a Igreja foi identificada como influenciadora de uma comunidade negra, no que diz respeito às normas e valores, incluindo a vivência da sexualidade por seus fiéis, sendo os pastores dessas igrejas vistos como fontes confiáveis de informação e orientação. No seio dessas igrejas, a homossexualidade é analisada a partir de dogmas cristãos e interpretações bíblicas, sendo considerada como pecado e abominação que impedem a salvação divina. Desse modo, os jovens enfrentavam conflitos significativos entre a sexualidade e a religião, resultando em vergonha e confusão da orientação sexual, bem como medo das consequências religiosas sobre o fato de ser homossexual (Quinn, Dickson-Gomez, 2016).

Em São Paulo, Brasil, pesquisa realizada com quatro jovens homossexuais de ambos os sexos, com idades entre 18 e 24 anos, apontou o preconceito ou a discriminação como produtores de barreiras sociais para a vivência da homossexualidade. Apontou também a religião como uma barreira importante, não apenas no âmbito pessoal, por causa dos conflitos oriundos de seus valores, mas principalmente no âmbito macrossocial, devido à propagação de preconceitos que podem resultar em violência (Murasaki, Galheigo, 2016).

Do exposto, observa-se que a família prima pela coerência entre sexo, gênero, prática sexual e desejo, e as instituições religiosas buscam “condenar” as práticas sexuais transgressoras (Longaray, Ribeiro, 2015). Em contrapartida, apesar de a maioria reagir de modo negativo à revelação da homossexualidade pelo adolescente, no presente estudo, algumas de suas famílias se mostraram mais tolerantes diante da sexualidade expressa. Estudo realizado com 140 adolescentes israelenses homossexuais mostrou que aproximadamente 75% dos participantes indicaram que os pais, no momento da revelação da sua orientação, aceitavam-na moderada e plenamente. Cerca de 15% disseram que seus pais a rejeitaram total ou quase totalmente. Com o passar do tempo, essa aceitação foi aumentando. O aumento da aceitação foi relacionado ao papel do próprio adolescente como agente de mudanças referente à atitude dos pais. Eles mencionaram a importância das conversas repetidas que haviam iniciado com os pais a respeito de sua identidade sexual, compartilhando informações pessoais sobre sua orientação sexual (Samarova, Shilo, Diamond, 2013).

Estudo norte-americano mostrou que, entre os adolescentes negros que verbalizaram a orientação sexual à família, a maioria conseguiu aceitação e apoio de alguns dos familiares, especialmente as mães e avós. Os níveis de aceitação variaram entre nunca ou raramente discutir o assunto, aceitar, mas não tolerar o fato de o filho manter relações com pessoas do mesmo sexo. Enfim, não foi encontrada aceitação plena, tolerância e apoio por parte da família (Quinn, Dickson-Gomez, 2016).

Hauer, Guimarães (2015) mostraram que os processos de aceitação da homossexualidade pelos pais geralmente são marcados por sofrimento, seguido de superação, com características semelhantes e, ao mesmo tempo, singulares. Ao investigar os fatores que influenciaram a aceitação da homossexualidade dos filhos, os autores perceberam que os pais atribuíram diferentes causas para a homossexualidade, abarcando as esferas biológica, psíquica e social. Mesmo atribuindo causas diferentes para a homossexualidade dos filhos, com fatores alheios ao seu controle, as mães sentiram-se culpadas em algum momento.

O estudo de Silva et al. (2015) mostrou que, a partir do momento que os adolescentes se declararam homossexuais perante a família, relataram sentir apoio e aceitação para expressar seus desejos, mesmo diante do fato de que, em sua maioria, as famílias não gostassem de exposição na sociedade, por temerem a incompreensão e rejeição social. As famílias apresentaram diferenças no ritmo e na forma de lidar com a comunicação relacionada à orientação homossexual do adolescente, contudo havia mais relatos de dificuldades relacionados com a figura pai do que com a mãe. As mães, por sua vez, manifestaram mais crenças religiosas que dificultaram a aceitação da homossexualidade do filho.

A questão que envolve a aceitação da homossexualidade do filho está relacionada também à diferença de temporalidade entre os processos de aceitação de mães e filhos. Enquanto os filhos vivenciam a sua homossexualidade processualmente, em um movimento de descoberta, as mães geralmente vivem este momento mais pontualmente. Esta diferença é importante para compreender a aceitação das mães, as quais precisam reelaborar sua concepção sobre a sexualidade do filho já que para elas, até então, este era heterossexual (Hauer, Guimarães, 2015).

Ressalta-se que o modo como a família lida com a homossexualidade do adolescente pode contribuir para aumentar a confiança e reforçar positivamente a sua identidade sexual. Além disso, a família, ao fornecer-lhe apoio social frente à sua homossexualidade, pode proporcionar força para que se sinta bem consigo mesmo, ainda que passe por situações vulneráveis. Estudo apontou que, quando os jovens sentiram que os pais forneciam apoio e assistência voltados à resolução de problemas relacionados com a sua orientação sexual, eles ficavam mais propensos a reagir positivamente em relação à sua própria identidade homossexual (Bregman et al., 2013).

Pesquisa realizada no Estado de Goiás, Brasil, evidenciou o suporte familiar para vivência da sexualidade como fator fundamental para o bem-estar de pessoas diante da orientação homossexual. Ressaltou ainda que as famílias podem contribuir no combate e na superação do preconceito estabelecido pela sociedade, funcionando como uma instituição de proteção contra as hostilidades externas voltadas aos homossexuais. Quando o homossexual percebe o apoio da família, passa a estabelecer uma relação de extrema gratidão por este suporte (Vieira, Peres, 2015).

As estratégias de revelação ou encobrimento são formas de resposta às situações de discriminação. Elas podem gerar mais isolamento ou abrir oportunidades de participação social. A dissimulação pode ser uma estratégia para ocultar a homossexualidade, enquanto que se assumir é de tentar deixar explícito de alguma forma a sua homossexualidade, por exemplo, utilizando-se dos estereótipos e símbolos homossexuais (Murasaki, Galheigo, 2016).

No presente estudo, observou-se que parte dos adolescentes preferiu não revelar sua orientação sexual por temer a reação homofóbica e rejeição de seus familiares. O fato de o adolescente ter que esconder a expressão da sexualidade reforça o preconceito arraigado nas concepções dessa orientação sexual como doença, pecado e crime, o que gera o medo e a dificuldade de comunicação (Silva et al., 2015).

Pesquisa qualitativa realizada na cidade de Nova Iorque, com 203 homens bissexuais, com 18 anos ou mais, mostrou como motivos para a não verbalização da sua orientação sexual as reações negativas de familiares que poderiam culminar em decepção, choque, repúdio por parte da família, além de poder impactar

negativamente as relações de amizade. Desse modo, evitavam desvelar a bissexualidade para fugir dos confrontos emocionais. Percebiam que as pessoas próximas tinham atitudes estigmatizantes em relação à homossexualidade, por isso preferiam não revelar sua orientação sexual. Os homens acreditavam que esta revelação também traria à tona estereótipos relacionados ao mundo gay, como, por exemplo, ser HIV-positivo (Schrimshaw, Downing, Cohn, 2016).

Pesquisa realizada com 30 americanos afrodescendentes, com idade entre 16 e 24 anos, em Milwaukee, Wisconsin, EUA, mostrou que a homonegatividade vinda da família, comunidade e instituições religiosas impactou as relações familiares e com amigos, levando a maioria a esconder a orientação sexual. A homonegatividade percebida inibia sua capacidade de revelar sua orientação sexual, pois isso poderia potencialmente significar a perda de uma conexão com seus bairros e amigos e, posteriormente, a perda de uma parte importante de suas identidades sociais. Vários participantes camuflavam sua orientação sexual e adotavam comportamentos que eles acreditavam demonstrar a heterossexualidade, mantendo a imagem pública de masculinidade, como modo de evitar o isolamento social. A luta para decidir se verbalizava ou não sua orientação sexual para os pais estava relacionada à ideia de que haveria prejuízos na relação com a família, especialmente com as mães por experimentarem no cotidiano familiar interações e mensagens homonegativas (Quinn, Dickson-Gomez, 2016).

Estudo norte-americano mostrou que os adolescentes tinham dificuldades para revelar sua orientação sexual já que os pais pertenciam às gerações anteriores e estavam inseridos em uma cultura mais tradicional ou eram pertencentes a um grupo religioso conservador e, portanto, tinham mais dificuldade de aceitar a homossexualidade. Esses jovens antecipavam o medo da rejeição devido à cultura e à religião, pois suas famílias tinham uma visão tradicional sobre a sexualidade humana. Independentemente da tradição religiosa, os homens muitas vezes salientaram proibições religiosas contra a homossexualidade e sugeriram que a revelação nesse contexto resultaria em reações negativas ou relacionamentos danificados (Schrimshaw, Downing, Cohn, 2016).

Outra questão apontada no estudo de Schrimshaw, Downing, Cohn (2016) como impeditiva para a revelação da identidade sexual de jovens do sexo masculino diz respeito às experiências negativas vivenciadas por outras pessoas no passado,

as quais desencorajavam e reforçavam a atitude de ocultar sua orientação sexual. Também o medo de ser vistos como homens afeminados e de ser tratados de modo diferente do que eram antes impedia a revelação.

A projeção de expectativas e papéis das famílias em relação aos filhos também se constitui em um impeditivo da revelação da identidade sexual, considerando a importância dada ao sucesso desses nos estudos e na vida profissional, com ênfase no que provavelmente acreditam ser uma imagem social positiva e o papel do homem. Mesmo quando os pais têm conhecimento da homossexualidade dos filhos, manifestam a vontade de que estes se comportem discretamente, não expondo sua orientação sexual e que alcancem boas posições na carreira profissional (Silva et al., 2015).

Estudo conduzido com lésbicas residentes em Caxias do Sul, Brasil, apontou a importância de conhecer o modo como elas e seus familiares lidam com a orientação sexual, ressaltando que isso permite levantar necessidades que podem ser contempladas a partir da criação de programas psicossociais voltados para essa parcela da população. Entre as ações direcionadas a este público, salienta-se o oferecimento de suporte psicológico não apenas para as mulheres, mas também para seus familiares, que, geralmente, apresentam reações negativas, sofrimento e desorganização face à homossexualidade (Palma, Levandowski, 2008).

Na vivência da identidade homossexual, existem fortes obstáculos e algumas condições de apoio. O jovem com esta orientação sexual precisa criar estratégias para construir sua identidade de forma a evitar adoecimentos físicos e psicológicos. Se, por um lado, suporte social contribui para a vivência positiva da homossexualidade, por outro, os obstáculos a esta vivência colocam esses jovens em posição de extrema fragilidade, que pode gerar angústia e isolamento (Vieira, Peres, 2015).

Diante dos conflitos vivenciados pelo adolescente homossexual na relação com os familiares, ressalta-se a importância da atuação do enfermeiro, sobretudo o que atua na área de saúde mental e da saúde da família. No que concerne à saúde mental desta população, estudo realizado em Campinas, São Paulo, com 125 pessoas homossexuais, revelou a presença de pelo menos um transtorno psiquiátrico em 41,7% da amostra, depressão em 33,3%, risco de suicídio em 16,8%, sendo que 56,7% haviam procurado pelo serviço de saúde mental no

passado, 38,3% já tinham feito uso de medicamento psiquiátrico e 53,3% fizeram psicoterapia alguma vez na vida (Ghorayeb, Dalgarrondo, 2011). Isso evidencia a premente necessidade de investimento do enfermeiro e demais profissionais de saúde em ações que favoreçam a saúde mental desta população.

As equipes de atenção primária à saúde desempenham um papel fundamental na abordagem da dinâmica familiar. Ferramentas de abordagem de famílias, como genograma ou heredograma familiar, o Ciclo de vida das famílias, o modelo de Orientações Fundamentais nas Relações interpessoais (FIRO) e o modelo que envolve *problem, roles, affect, communication, time in life, illness, coping with stress, environment/ecology* (PRACTICE), poderiam ser usadas para a elaboração de estratégias de resolução de conflitos nessas famílias (Ditterich, Gabardo, Moisés, 2009).

O genograma ou árvore da família é um método de coleta, armazenamento e processamento de informações sobre uma família. Essa ferramenta é de especial importância por alcançar o objetivo de analisar a complexidade das relações humanas, uma vez que o ambiente afetivo tem impacto relevante no processo saúde-doença (Ditterich, Gabardo, Moisés, 2009).

O ciclo de vida das famílias é uma série de eventos previsíveis que ocorrem dentro da família como resultado das mudanças em sua organização. O conhecimento do desenvolvimento da família é útil porque facilita a previsão e antecipa os desafios que serão enfrentados no estágio de desenvolvimento de uma dada família, e isso permite melhorar o entendimento do contexto dos sintomas e das doenças (Ditterich, Gabardo, Moisés, 2009).

O FIRO é um modelo baseado em orientações primordiais nas relações interpessoais, do original em inglês *fundamental interpersonal relations orientations* (FIRO). Trata-se de uma ferramenta útil quando se depara com situações de doenças agudas, hospitalizações, acompanhamento das doenças crônicas, podendo também ser usada para entender como a família está lidando com alterações no ciclo de vida, ou na avaliação de disfunções conjugais ou familiares (Ditterich, Gabardo, Moisés, 2009).

O PRACTICE facilita o desenvolvimento da "avaliação familiar", fornecendo as informações sobre que intervenções podem ser utilizadas para manejar um caso

específico. Ele pode ser usado para itens da ordem médica, comportamental e de relacionamentos. Este modelo foi desenvolvido para o manejo das situações familiares mais difíceis, sendo focado na resolução de problemas, o que permite uma aproximação com várias interfaces que criam problemas para as famílias acompanhadas (Ditterich, Gabardo, Moisés, 2009).

Diante da situação biográfica marcada pela homofobia, na qual o adolescente está inserido, e de sua bagagem de conhecimentos advinda das influências de pessoas significativas como pais, professores, amigos, líderes religiosos, somadas à sua própria vivência com a homossexualidade, o adolescente participante da presente investigação busca agir em direção à transposição da homofobia e estigma social para alcançar a liberdade de vivenciar sua sexualidade.

No presente estudo, quando interrogados sobre seus projetos de vida, considerando a homossexualidade e sua trajetória frente à homofobia internalizada na família e na sociedade, os adolescentes vislumbram ser respeitados em sua orientação sexual, especialmente pela família.

A família deveria ser uma espécie de rede de solidariedade em que o jovem acharia apoio e receberia estímulos para fortalecimento e meio de acesso ao pleno campo de possibilidades na vida, dada a importância investida nos laços sociais. Porém, a família e suas normas preestabelecidas podem se revelar como mecanismos de coerção do indivíduo a se adequar à norma social e/ou familiar (Hammes, 2013).

Também Vieira e Peres (2015) destacaram o papel da família como principal auxílio e fonte de sofrimento simultaneamente. Os adolescentes convivem com o medo de decepcionar os pais e de deixar de pertencer ao grupo familiar. Porém, quando a família promove o acolhimento, este suporte é visto como primordial para a segurança e bem-estar do jovem homossexual.

Apesar dos conflitos exteriorizados pelos adolescentes na relação familiar, eles desejam manter os laços afetivos com sua família nuclear. O ser humano necessita de reconhecimento e, por isso, a família, com todas suas transformações e justamente por conta delas, permanece sendo uma instituição de grande peso para os jovens homossexuais (Toledo, Teixeira-Filho, 2013).

Estudo que analisou a trajetória de jovens homossexuais mostrou que há chances de a pessoa homossexual conseguir passar pela fase crítica da convivência e conseguir se manter no seio da família, independentemente da aceitação ou não da homossexualidade dela pelos familiares. O jovem espera esta convivência, nem que para isso ele tenha que agir, dissimulando, performando, ou até mesmo camuflando sua sexualidade de modo a não chamar atenção para si e não ser notado (Hammes, 2013).

No presente estudo, os adolescentes vislumbram o desejo de ter liberdade para expressar sua orientação sexual, o que traria o sentimento de mais pertencimento ao ambiente familiar. Estudo realizado no Sul do Brasil apontou várias condições problemáticas para a vivência da homossexualidade. Entre elas destacou a rigidez familiar como um dos maiores obstáculos. Até porque, na maioria dos casos há uma incoerência entre o discurso e a ação na aceitação da homossexualidade por parte da família, que afirma ter aceitado, contudo proíbe quaisquer manifestações homoafetivas no meio familiar. Isso caracteriza um preconceito camuflado na própria família que se apresenta a favor das diferenças e na prática acaba reproduzindo inúmeros comportamentos preconceituosos (Vieira, Peres, 2015).

Ao refletirem sobre sua relação com a família, os adolescentes homossexuais percebem que a dependência financeira em relação aos pais constitui-se em impeditivo para a vivência plena da sua identidade sexual. Desse modo, eles vislumbram prosseguir os estudos e buscar o trabalho como possibilidade de alcançar essa independência e firmar sua orientação sexual frente à família e à sociedade.

Estudo conduzido em uma cidade do interior do Estado de São Paulo, Brasil, com lésbicas, corrobora esta afirmativa quando mostra que, devido ao fato de ainda não terem conquistado a independência financeira, elas se viam subjugadas ao poder dos pais sobre a autonomia de seus desejos pertinentes à vivência do homoerotismo. A dependência do filho faz, na maioria dos casos, com que ele seja obrigado a fazer o que os pais querem, subordinando seus sentimentos à vontade deles. Essa estratégia de controle pode sobrepujar os laços afetivos entre pais e os filhos homossexuais, em favor da norma heteronormativa (Toledo, Teixeira-Filho, 2013).

Frequentemente, muitos homossexuais se afastam de seus familiares ao conquistarem sua independência financeira, mas também muitos permanecem ligados à sua família por uma ilusão de vínculos de amor, mas que, na realidade, são vínculos financeiros e de dominação sobrepostos por uma homofobia familiar consentida, que exige que o membro homossexual se anule. Desse modo, não é apenas a homofobia familiar que faz o membro homossexual ocultar sua orientação sexual, mas também a tentativa de proteção dos laços e idealizações familiares (Toledo, Teixeira-Filho, 2013).

Um estudo encontrou semelhanças com a presente investigação no que diz respeito ao desejo do jovem homossexual de lutar por uma vida profissional bem-sucedida. Esta expectativa pode estar relacionada à ideia de que a orientação sexual não interfere na conquista de objetivos profissionais e na capacidade da pessoa para o trabalho (Vieira, Peres, 2015).

O trabalho é visto como fonte de dignidade, de reconhecimento, de realização pessoal e de liberdade financeira. Pesquisa realizada com homens homossexuais, oriundos dos estados do Rio de Janeiro, Maranhão e Pará, Brasil, ressaltou que o trabalho era visto como fonte de reconhecimento, de ocupação e de realização pessoal. Segundo esses homens, a falta do trabalho traria, como consequência, prejuízo nas relações interpessoais e faria com que eles sentissem falta da sua rotina, do ambiente profissional e do sentimento de utilidade (Silva et al., 2013).

Estudo realizado com homossexuais do sexo masculino, em uma cidade de Minas Gerais, Brasil, evidenciou que os mesmos almejavam alcançar o sucesso profissional como um modo de superar o preconceito pelo qual passavam. Ressalta-se que o sucesso profissional, a autonomia financeira e a postura ativa são elementos bastante valorizados tanto por homens heterossexuais quanto por homens homoafetivos (Rabelo, Nascimento, 2013).

Como referencial teórico-filosófico que fundamentou este estudo a fenomenologia social trouxe a relevância da intersubjetividade inscrita nas relações entre familiares e adolescentes homossexuais, marcada pela influência do contexto social que adota a heteronormatividade como fio condutor das relações afetivo-sexuais, permitindo poucos espaços para manifestações afetivo-sexuais consideradas dissidentes. Tais circunstâncias acabam por marginalizar e impor

sofrimento às minorias sexuais, colocando-as em situações de vulnerabilidade ainda na adolescência.

O estudo traz contribuições relevantes quanto à vivência de adolescentes homossexuais no que diz respeito às relações cotidianas com seus familiares. Contudo, o fato de ter sido realizado com um grupo de adolescentes provenientes de famílias que fazem parte de uma comunidade do Estado do Amapá, região Norte do Brasil, constitui-se em uma limitação da pesquisa, visto que os resultados podem divergir de estudos realizados com adolescentes de outra região que apresenta realidade social diversa desta. Isso impede a generalização dos seus resultados.

7 IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA
PROFISSIONAL

7 IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA PROFISSIONAL

O típico da ação vivida por adolescentes homossexuais frente à relação com familiares mostrou-se marcado por conflitos relacionados à vivência de sua sexualidade. Diante do contexto familiar conflituoso, o adolescente vislumbra a aceitação da orientação sexual pelos familiares, especialmente os pais, além da conquista da independência financeira e da manutenção dos laços familiares. Frente às evidências produzidas neste estudo, foram elaboradas as implicações para a prática profissional em saúde.

A percepção da homossexualidade pelo adolescente ainda na infância desencadeou conflitos vivenciados tanto na esfera familiar como escolar. É importante salientar a relevância do espaço escolar, sobretudo no ensino fundamental e médio, para que a educação sexual inclua a abordagem da diversidade sexual humana. Isso poderia contribuir para fomentar a inclusão desses adolescentes no ambiente escolar, assim como para a redução do estigma e preconceito social contra os homossexuais.

No contexto familiar, o enfermeiro que atua na Estratégia de Saúde da Família está em uma posição privilegiada no que diz respeito à abordagem do adolescente homossexual e de seus familiares. Esse profissional pode lançar mão de diversas ferramentas para trabalhar os conflitos advindos da revelação da orientação sexual por jovens no contexto familiar. Entre as ferramentas de avaliação usadas na atenção primária, elencam-se o genograma, o ciclo de vida das famílias, o FIRO e o PRACTICE (Ditterich, Gabardo, Moisés, 2009).

Os enfermeiros que se deparam com estes jovens podem contribuir sobremaneira no tocante a saúde deles, ressaltando a capacidade destes de cuidar de si mesmos. Além disso, enquanto agentes transformadores, podem adotar uma prática dialogada, compartilhando com os adolescentes homossexuais caminhos menos turbulentos no que diz respeito aos conflitos advindos da revelação da orientação sexual no contexto familiar.

Outra questão relevante a ser considerada diz respeito à abordagem multiprofissional de adolescentes homossexuais e suas famílias, envolvendo

enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais e psiquiatras. O trabalho desses profissionais deve ir além da abordagem pontual relativa à prevenção e tratamento da DSTs/Aids, para envolver a complexidade inscrita na vivência homossexual do adolescente, sobretudo em sua saúde mental. Afinal, a garantia ao atendimento à saúde é uma prerrogativa de todo cidadão brasileiro, respeitando-se suas especificidades de gênero, raça/etnia, geração, orientação e práticas afetivo-sexuais (Brasil, 2013).

O trabalho multiprofissional poderia contribuir para melhoria da saúde mental desses adolescentes e familiares, desmitificando a homossexualidade como doença. Além disso, a literatura mostra que, quando os adolescentes são apoiados pelos familiares, têm melhores preditores de saúde e menor probabilidade de se envolverem em comportamento sexual de risco (Ryan, Diaz, Sanchez, 2009).

A atuação conjunta entre profissionais da área de educação e de saúde poderia contribuir para que o momento da revelação da homossexualidade fosse menos turbulento tanto para o adolescente como para seus familiares.

Para que esses profissionais atuem de modo efetivo junto aos adolescentes e seus familiares, faz-se necessário repensar a formação acadêmica, sobretudo na área de saúde e educação, inserindo no currículo componentes que os sensibilizem e instrumentalizem para o trabalho no que se refere à diversidade sexual humana.

A cultura familiar baseada na heteronormatividade constitui-se em um paradigma de difícil transposição, entretanto, o fomento de discussões nos diferentes espaços sociais sobre a diversidade social, o respeito à dignidade e à individualidade do ser humano deve ser estimulado por todos os profissionais envolvidos na abordagem de adolescentes.

No presente estudo, identificou-se que os dogmas religiosos cristãos contribuíram para os conflitos entre os adolescentes e seus familiares ao cristalizarem a heteronormatividade e o estímulo a homonegatividade. Acredita-se que a igreja deva constituir-se em um local de inclusão e não de segregação, por isso, líderes religiosos deveriam rever seus discursos e atitudes frente à orientação sexual de seus fiéis, já que os fundamentos da doutrina cristã primam pelo amor ao próximo. Mesmo que não aceitem a homossexualidade, os religiosos (padre, pastores e outros líderes) deveriam prezar pelo respeito às pessoas, não

estimulando o ódio e o repúdio aos comportamentos afetivo-sexuais considerados dissidentes.

Nesta investigação, observou-se que, ao trazer à tona sua orientação sexual, os adolescentes foram vítimas de ameaça, chantagem, ofensa, agressão física e verbal, coerção da liberdade por seus familiares. Ressalta-se que o Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu Art. 3º, assegura que os mesmos gozem de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, que promovam seu desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (Brasil, 1990). Desse modo, a família e a sociedade em geral deveriam conhecer e respeitar estes direitos, o que traria reflexos na redução da violência intrafamiliar e social advinda do convívio com o adolescente homossexual.

Não confirmar a homossexualidade no período da adolescência mostrou-se como uma estratégia para redução de conflitos no âmbito familiar. Considera-se que esta atitude deve ser respeitada até que o adolescente se sinta preparado para assumir sua orientação sexual sem que venha sofrer consequências para sua saúde mental. Os grupos de apoio aos homossexuais existentes em diversas organizações direcionadas ao público GLBTT pode constituir-se em um espaço que contribua para a afirmação da identidade afetivo-sexual do adolescente, criando mecanismos que facilitem sua socialização e estratégias para lidar com o estigma e o preconceito sociais relacionados à homossexualidade.

Considerando o envolvimento dos adolescentes e jovens com o mundo virtual, as redes sociais como *blogs*, *sites*, aplicativos de celulares, entre outras tecnologias, poderiam ser utilizadas pelos profissionais como ferramenta de abordagem e discussão de problemas enfrentados no cotidiano por adolescentes homossexuais. Nesse sentido, pesquisas que desenvolvessem estas ferramentas poderiam contribuir para abordagem destes adolescentes e seus familiares.

Tendo em vista as expectativas dos adolescentes homossexuais estarem centradas no desejo de serem aceitos e respeitados no seio familiar, evidencia-se a necessidade de a família ser estimulada a procurar grupos de apoio psicossocial. Os grupos podem se constituir em um espaço fecundo de troca de experiências e de materiais de divulgação sobre as questões que envolvem a homossexualidade. Contudo, a condição homossexual de um filho, mesmo quando conhecida, ainda se

configura como um tema-tabu para muitos pais, o que reitera a relevância dos grupos de acolhimento para os pais (Santos, Brochado-Júnior, Moscheta, 2007).

A manutenção dos laços familiares almejada pelos adolescentes homossexuais poderá ser facilitada caso os pais sejam apoiados por profissionais de saúde e de educação e grupos de apoio psicossociais nas dificuldades de aceitar a orientação sexual dos filhos.

Apesar dos avanços das políticas de inclusão das minorias sexuais, o estigma social, o preconceito e a homofobia que culminam em diversas manifestações de violência ainda prevalecem. Nesse sentido, há muito que se fazer no tocante à inclusão social de adolescentes homossexuais nos espaços familiares, na escola e em outros equipamentos sociais.

8 CONCLUSÃO

8 CONCLUSÃO

Considerando o objeto de estudo “Adolescente homossexual e a relação com seus familiares”, assim como o objetivo da presente investigação de compreender a vivência de adolescentes homossexuais frente às relações com seus familiares, conclui-se que essas relações familiares são marcadas por conflitos que perpassam a infância, prosseguindo na adolescência, e interferem no modo como o adolescente expressa a homossexualidade na família, escola e em outros espaços sociais.

A norma heterossexista fomenta preconceitos e estigmas sociais que dificultaram a convivência dos adolescentes pesquisados com a família ao revelarem sua orientação sexual e impediram alguns de revelarem verbalmente sua identidade sexual aos familiares. A não revelação da orientação sexual teve como fundamento a tentativa de evitar frustrar a expectativa de heterossexualidade idealizada pela família.

O ambiente familiar conflituoso e o desejo de obter liberdade para vivenciar a homossexualidade remetem os adolescentes a projetar expectativas referentes a ter independência financeira, ser respeitado na orientação homossexual. Para isso idealizam investir nos estudos e conseguir um trabalho. Apesar dos conflitos emergidos na família, com a revelação ou não da orientação sexual, os adolescentes esperam manter os laços afetivos com os familiares.

Salienta-se que a abordagem da fenomenologia social permitiu aprofundar as relações sociais estabelecidas entre os adolescentes homossexuais e seus familiares, fazendo emergir significados que apontam a vivência desses adolescentes a partir de conflitos intrafamiliares, assim como o desejo de que estes sejam superados com vistas à harmonização das relações familiares.

A vivência de adolescentes homossexuais frente às relações com seus familiares explicitada nesta investigação pode desdobrar-se em reflexões que promovam intervenções no campo da assistência social, saúde, educação e pesquisa, visando à inclusão desses adolescentes nos diversos cenários sociais, considerando o respeito à diversidade afetivo-sexual.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

Albuquerque GA, Parente JS, Belém JM, Garcia CL. Violência psicológica em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do Ceará, Brasil. *Saúde debate*. 2016;40(109):100-11. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-1104201610908>

Almeida AND. O sofrimento psíquico entre homossexuais numa perspectiva histórica e literária. *Ciências Humanas e Sociais Aplicadas*. 2011;1(3):24-36.

American Psychiatric Association (APA). 2009. Let's talk facts about sexual orientation: healthy minds, healthy lives. [Acesso 2014 Mar 21]. Disponível em <http://www.psychiatry.org/home/searchresults?k=homosexuality%20is%20not%20de%20sease>.

Aranda F, Matthews AK, Hughes TL, Muramatsu N, Wilsnack SC, Johnson TP, Riley BB. Coming out in color: racial/ethnic differences in the relationship between level of sexual identity disclosure and depression among lesbians. *Cultur Divers Ethnic Minor Psychol*. 2015;21(2):247-57. Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/25181323>

Baltor MRR, Rodrigues JSM, Ferreira NMLA, Dupas G. The text in its context: what is family for you? *J Res Fundam Care on line* 2014;6(1):293-304.

Bento LM, Matão MEL. Homossexualidade: Processo de revelação da sexualidade uma experiência homossexual. *Estudos*. 2012;39(4):507-21.

Berni VL, Roso A. A adolescência na perspectiva da psicologia social crítica. *Psicologia & Sociedade*. 2014;26(1):126-36.

Brasil (a). Presidência da República. Casa Cível. Subchefia para assuntos Jurídicos. Decreto de 4 de junho de 2010. Institui o dia nacional de combate a homofobia. [Acesso 2015 Mar 25]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/Dnn/Dnn12635.htm

Brasil (b). Presidência da República. Casa Cível. Subchefia para assuntos Jurídicos. Decreto nº 7.388, de 9 de dezembro de 2010. Dispõe sobre a composição, estruturação, competências e funcionamento do Conselho Nacional de Combate à Discriminação (CNCD). [Acesso 2015 Mar 25]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7388.htm

Brasil, Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Gestão e Apoio Participativa. Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais/ Ministério da Saúde.

Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Brasília: 1. ed., 1. reimp. Ministério da Saúde, 2013. 32 p. Disponível em:

http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_lesbicas_gays.pdf

Brasil. DATASUS. Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil. [acesso 2014 jun 09]. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?popestim/cnv/popap.def>.

Brasil. Lei n. 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Art. 5o do Código Civil Brasileiro. Dispõe sobre a regulamentação da maior idade. Senado Federal- Secretaria Especial de Editoração e publicações. Subsecretaria de Edições Técnicas. Brasília. 2004, p.66.

Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 466 de 12 de dezembro de 2012. Aprova diretriz e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial da União. Brasília, 2013.

Brasil. Ministério da Saúde. Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Norma operacional básica NOB/SUAS: construindo as bases para a implantação do sistema único de assistência social. Brasília, 2005. Versão Final. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/cnas/politica-e-nobs/nob-suas.pdf/download>

Brasil. Presidência da República. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília; 1990.

Bregman HR, Malik NM, Page MJ, Makynen E, Lindahl KM. Identity profiles in lesbian, gay, and bisexual youth: the role of family influences. *J Youth Adolesc.* 2013;42(3):417-30. Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22847752>

Ceballos-Fernández M. Identidad homosexual y contexto familiar heteroparental: implicaciones educativas para la subversión social. *Rev Latinoam Cienc Soc Niñez Juv.* 2014;12(2):643-58. Available from: <http://revistaumanizales.cinde.org.co/index.php/Revista-Latinoamericana/article/view/1365>

Cohen N, Arieli T. Field research in conflict environments: Methodological challenges and snowball sampling. *J Peace Res.* 2011;48(4):423-35.

Conselho Federal de Psicologia (CFP). Resolução CFP N° 001/99, de 22 de março de 1999. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual. [Acesso 2015 Mar 25]. Disponível em: http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf.

Cordeiro AFM, Buendgens JF. Preconceitos na escola: sentidos e significados atribuídos pelos adolescentes no ensino médio. *Psicol Esc Educ.* 2012;16(1):45-54.

Couto Junior DR. Relações entre gênero, sexualidade e família: “homem com homem dá lobisomem, mulher com mulher dá jacaré”. *Rev Tecer*. 2014; 7(13):91-104.

Cunha RBB, Gomes R. Os jovens homossexuais masculinos e sua saúde: uma revisão sistemática. *Interface (Botucatu)*. 2014;19(52):57-70. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622014.0089>

Dias MO. Um olhar sobre a família na perspectiva sistêmica. O processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e Desenvolvimento*. 2011;19:139-56.

Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-75262013000300007&lng=es. <http://dx.doi.org/10.4067/S0717-75262013000300007>.

Ditterich RG, Gabardo MCL, Moysés SJ. As ferramentas de trabalho com famílias utilizadas pelas equipes de saúde da família de Curitiba, PR. *Saúde Soc*. 2009;18(3):515-24.

Eisenstein E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. *Adolescência & saúde*, 2005; 2(2). Disponível em: http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167. Acesso em: 15 Ago 2016.

Eliason MJ, Dibble S, DeJoseph, J. Nursing's silence on lesbian, gay, bisexual, and transgender issues: the need for emancipatory efforts. *ANS Adv Nurs Sci*. 2010;33:(3)206-18.

Falsarella AM. O lugar da pesquisa qualitativa na avaliação de políticas e programas sociais. *Avaliação, Campinas; Sorocaba, SP*. 2015;20(3):703-15.

Ferrari A. O que os adolescentes produzem de imagens? *Cultura visual, adolescências e educação. Visualidades*. 2013;11(2):13-35.

Fontanella BJB, Luchesi BM, Saidel MGB, Ricas J, Turato EB, Melo DG. Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. *Cad Saúde Pública*. 2011; 27(2):389-94.

Foucault, M. *A história da sexualidade I: a vontade de saber*. 14 ed. Rio de Janeiro: Grall, 2001.

Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Situação mundial da infância 2011. *Adolescência: uma fase de oportunidades*. Caderno Brasil [citado 2011 Maio 10]. Disponível em: <http://www.unicef.org.br>.

Ghorayeb DB, Dalgalarrodo P. Homosexuality: mental health and quality of life in a Brazilian socio-cultural context. *Int J Soc Psychiatry*. 2011;57(5):496-500. doi: 10.1177/0020764010371269.

- Gomes AM, Reis AF, Kurashige KD. A violência e o preconceito: as formas da agressão contra a população LGBT em Mato Grosso do Sul. *Cad Espaço Feminino*. 2013;26(2):30-43.
- Gonzaga LL, Praça AVS, Lannes DRC. AS Representações sociais acerca do gay entre estudantes da periferia do Rio de Janeiro. *Interthesis*. 2014;11(2):162-82.
- Grafsky EL. Becoming the Parent of a GLB Son or Daughter. *J GLBT Fam Stud*. 2014;10(1-2):36-57.
- Granúzzio PM. Mulheres homossexuais e as relações vividas na escola: entre visibilidades e invisibilidade. *Rev Latino-americana de Geografia e Gênero*. 2012;3(1):127-44.
- Guimarães AC. Uma aproximação aos conceitos básicos da Fenomenologia. *Fenomenologia & Psicol*. 2013;1(1):1-11.
- Hammes BS. “Prefiro um filho morto do que um filho viado”: algumas implicações de quando a homofobia é familiar. *Rev PerCursos*. 2013;14(27):178-99.
- Hauer M, Guimarães RS. Mães, filh@s e homossexualidade: narrativas de aceitação. *Temas psicol*. [Internet]. [citado 2016 Jul 30]; 2015;23(3):649-662. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000300010&lng=pt. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3-10>.
- Heilborn ML. Por uma agenda positiva dos direitos sexuais da adolescência. *Psic Clin*. 2012;24(1):57-68.
- Hilton AN, Szymanski DM. Family dynamics and changes in siblings of origin relationship after lesbian and gay sexual orientation disclosure. *Contemporary Family Therapy: An International Journal*. 2011;33:291-309.
- Huebner DM, Rullo JE, Thoma BC, McGarrity L, Mackenzie J. Piloting Lead with Love: A film-based intervention to improve parents’ responses to their lesbian, gay, and bisexual children. *J Prim Prev*. 2013; 34(5):359-69.
- Hummel A, Shelton KH, Heron J, Moore L, Bree MBM. A systematic review of the relationships between family functioning, pubertal timing and adolescent substance use. *Addiction Review*. 2012;108(3):487-96.
- Jesus MCP, Capalbo C, Merighi MAB, Oliveira DM, Tocantins FR, Rodrigues BMRD et al. The social phenomenology of Alfred Schutz and its contribution for the nursing. *Rev Esc Enferm USP*. 2013;47(3):736-41.
- Longaray DA, Ribeiro PRC. Espaços educativos e produção das subjetividades gays, travestis e transexuais. *Rev Bras Educação*. 2015;20(62):723-47. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782015206209>

Macedo SRH, Miranda FAN, Pessoa Júnior JM, Nóbrega VKM. Adolescência e sexualidade: scripts sexuais a partir das representações sociais. *Rev Bras Enferm.* 2013;66(1):103-9.

Maiffret A, Vasconcellos-Bernstein D. Coming out: realidade social e conflito psíquico dos homossexuais. *Diaphora.* 2015;13(1):09-16. Disponível em: <http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/80>

Marques DM, Nardi HC. Anormais, bárbaros e bárbaras: trajetórias de vida e homossexuais e clínica psicológica. *Aletheia.* 2011;(35-36):109-22.

Martins CBG, Alencastro LCS, Mato KF, Almeida FM, Souza SPS, Nascimento SCF. As Questões de gênero quanto à sexualidade dos adolescentes. *Rev Enferm UERJ.* 2012; 20(1): 98-104.

Matos ACH. União entre pessoas do mesmo sexo: aspectos jurídicos e sociais. Belo Horizonte: Del Rey, 2004.

Miranda, ABS. Homossexualidade: desmistificando e garantindo um espaço para a subjetividade. *Psicologado*, 2013. Disponível em: <https://psicologado.com/psicologia-geral/sexualidade/homossexualidade-desmistificando-e-garantido-um-espaco-para-subjetividade>. Acesso em: 15 Ago 2016.

Morse JM. *Qualitative health research: creating a new discipline.* Left Coast Press. Walnut Creek, California. 2012.

Murasaki AK, Galheigo SM. Juventude, homossexualidade e diversidade: um estudo sobre o processo de sair do armário usando mapas corporais. *Cad Ter Ocup UFSCar.* 2016;24(1):53-68.

Needham BL, Austin AL. Sexual orientation, parental support, and health during the transition to young adulthood. *J Youth Adolesc.* 2010;39:1189–98. doi: 10.1007/s10964-010-9533-6.

O'Higgins-Norman J. Straight talking: explorations on homosexuality and homophobia in secondary schools in Ireland. *Sex Education.* 2009;9(4):381-93.

Organização Mundial da Saúde (OMS). CID-10. Classificação Internacional de Doenças, 1983.

Palma YA, Levandowski DC. Vivências pessoais e familiares de homossexuais femininas. *Psicol Estud,* 2008;13(4):771-79. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722008000400015>

Paulin YHM, Mendoza LAT, Esquivel CMET, Sánchez RM, Daraviña AFB, Acuña MP. Factores asociados al inicio de la actividad sexual en adolescentes de Tuluá, Colombia. *Rev Chil Obstet Ginecol.* 2013;78(3):209-19.

- Perucchi J, Brandão BC, Vieira HIS. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. *Estudos de Psicologia*. 2014;19(1):67-76.
- Pinho R, Pulcino R. Desfazendo os nós heteronormativos da escola: contribuições dos estudos culturais e dos movimentos LGBTTT. *Educac Pesq*. 2016;26 No prelo.
- Prati LE, Couto MCP, Koller SH. Famílias em vulnerabilidade social: rastreamento de termos utilizados por terapeutas de família. *Psic Teor Pesq*. 2009;25(3):403-8.
- Queiroz LB, Ayres JRCM, Saito MI, Mota A. Aspectos históricos da institucionalização da atenção à saúde do adolescente no estado de São Paulo, 1970-1990. *Hist Cienc Saude Manguinhos*, Rio de Janeiro. 2013;20(1):49-66.
- Quinn K, Dickson-Gomez J. Homonegativity, religiosity, and the intersecting identities of young black men who have sex with men. *AIDS Behav*. 2016;20(1):51-64.
- Rabelo AA, Nascimento ARA. Vivência do preconceito e construção da identidade para homens homoafetivos. *Psicologia e Saber Social*. 2013;2(1):131-41.
- Rodrigues MA, Carmo M. A configuração do significado de família para homossexuais: um estudo Fenomenológico. *Rev Abordagem Gestalt*. 2013;19(1):12-20.
- Roe SL. Examining the role of peer relationships in the lives of gay and bisexual adolescents. *Children & Schools* 2015; cdv. 001.
- Rothman EF, Sullivan M, Keyes S, Boehmer U. Parents' supportive reactions to sexual orientation disclosure associated with better health: results from a population-based survey of LGB adults in Massachusetts. *J Homosex*. 2012;59(2):186–200. doi: 10.1080/00918369.2012.648878.
- Ruiz N. Significaciones Imaginarias sociales sobre la homosexualidad en la prensa escrita de Venezuela. *Psicoperspectivas*. 2011;10(2):202-23.
- Ryan C, Huebner D, Diaz RM, Sanchez J. Family rejection as a predictor of negative health outcomes in white and Latino lesbian, gay, and bisexual young adults. *Pediatrics*. 2009;123(1):346-52. doi: 10.1542/peds.2007-3524
- Salomão R, Silva MAI, Cano MAT. Sexualidade do adolescente na percepção dos pais, sob a perspectiva de Foucault. *Rev Eletr Enferm [Internet]*. 2013;15(3):609-18. [Acesso em 2015 mar 27]. Disponível em: http://www.fen.ufg.br/fen_revista/v15/n3/pdf/v15n3a02.pdf.
- Samarova V, Shilo G, Diamond GM. Changes in youth's perceived parental acceptance of their sexual minority status over time. *J Research on Adolescence*. 2013;24(4):681-8.

Santos MA, Brochado Júnior JU, Moscheta MS. Grupo de pais de jovens homossexuais. SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. 2007;3(2). Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762007000200002&lng=pt&tlng=pt.

São Paulo, Assembleia Legislativa do Estado. Lei estadual n. 10.948. Dispõe sobre as penalidades a serem aplicadas à prática de discriminação em razão de orientação sexual. São Paulo: 2001. Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2001/lei-10948-05.11.2001.html>. Acesso em: 22 Ago 2016.

Sawyer SM, Afifi RA, Bearinger LH, Blakemore SJ, Dick B, Ezech AC, Patton GC. Adolescence: a foundation for future health. *Lancet*. 2012;379(9826):1630-40.

Schaurich D. Compreensões de acadêmicos de enfermagem sobre famílias: algumas reflexões. *Esc Anna Nery Rev Enferm*. 2009;13(2):415-20.

Schneider J, Michaels S, Bouris A. Family network proportion and HIV risk among black men who have sex with men. *J Acquir Immune Defic Syndr*. 2012;61(5):627-35. doi: 10.1097/QAI.0b013e318270d3cb.

Schoen-Ferreira TH, Aznar-Farias M, Silveiras EFM. Adolescência através dos Séculos. *Psic Teor Pesq*. 2010;26(2):227-34.

Schrimshaw EW, Downing MJ Jr, Cohn DJ. Reasons for Non-Disclosure of Sexual Orientation Among Behaviorally Bisexual Men: Non-Disclosure as Stigma Management. *Arch Sex Behav*. 2016 [In press] doi: 10.1007/s10508-016-0762-y

Schutz A, Luckmann T. Las estructuras del mundo de la vida. Buenos Aires: Amorrortu, 2009.

Schütz A. Sobre fenomenologia e relações sociais. Wagner HTR, organizador. Petrópolis: Vozes, 2012.

Seil KS, Desai MM, Smith MV. Sexual orientation, adult connectedness, substance use, and mental health outcomes among adolescents: findings from the 2009 New York City Youth Risk Behavior Survey. *Am J Public Health*. 2014;104(10):1950-6. doi: 10.2105/AJPH.2014.302050.

Silva A, GMF, Lima TCB, Ferraz SFS, Cabral ACA. Sentido do trabalho e diversidade: um estudo com homossexuais masculinos. *Rev ADM.MADE*. 2013;17(2):85-105.

Silva CG, Paiva V, Parker R. Juventude religiosa e homossexualidade: desafios para a promoção da saúde e de direitos sexuais. *Interface (Botucatu)*. 2013;17(44):103-17.

Silva IR, Sousa FGM, Santos MHS, Cunha CLF, Silva TP, Barbosa DC. Significados e valores de família para adolescentes escolares. *Rev Rene*. 2011;12(4):783-9.

Silva MLA, Lima GS, Correa MG. O homossexualismo: a descoberta do ser. *Cadernos de Graduação - Ciências Biológicas e da Saúde*. 2013;1(16):27-36.

Silva MML, Frutuoso JFF, Feijó MR, Valério NI, Chaves UIH. Família e orientação sexual: dificuldades na aceitação da homossexualidade masculina. *Temas Psicol*. [Internet]. 2015;23(3):677-692 [citado 2016 Jul 30]. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000300012&lng=pt. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3-12>.

Silva VG. O adolescente gay e a capacidade de resiliência da família. *Psicologia.PT - o portal dos psicólogos*. 2011. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0295.pdf> [Acesso 2012 jun 24].

Simpson CA, Miranda FAN, Mundo MMS, Azevedo DM. Trajetória de vida de um Homossexual: entre o silêncio e a opressão. *Cienc Cuid Saude*. 2007; 6(4): 424-32.

Soliva TB, Silva Junior JB. Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. *Sex Salud Soc*. 2014;6487(17):124-148. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2014.17.08.a>

Sousa KJA. As diversas manifestações homofóbicas e suas consequências no cotidiano das minorias LGBT. *Rev Clóvis Moura de Humanidades*. 2016;2(1):27-44.

Souza MHN, Souza IEO, Tocantins FR. Abordagem da fenomenologia sociológica na investigação da mulher que amamenta. *Rev Enferm. UERJ*. 2009;17(1):52-6.

Taquette SR, Rodrigues AO. Experiências homossexuais de adolescentes: considerações para o atendimento em saúde. *Interface (Botucatu)*. 2015; 19(55):1181-91.

Teixeira-Filho FS, Marretto CAR, Mendes AB, Santos EN. Homofobia e sexualidade em adolescentes: trajetórias sexuais, riscos e vulnerabilidades. *Psicol Cienc Prof*. 2012;32(1):16-33.

Toledo LG, Teixeira-Filho FS. Homofobia familiar: abrindo o armário 'entre quatro paredes'. *Arq Bras Psicol*. 2013;65(3):376-91.

Toniette, MA. Um breve olhar histórico sobre a homossexualidade. *Rev Bras de Sexualidade Humana*. 2006;17(1):41-52.

Valadão RC, Gomes R. A homossexualidade feminina no campo da saúde: da invisibilidade à violência. *Physis*. 2011;21(4):1451-67.

Velho MTA, Quintana AMQ, Rossi AG. Adolescência, autonomia e pesquisa em seres humanos. *Rev Bioét.* 2014;22(1):76-84.

Vieira ED, Peres LA. Percursos da construção da identidade de jovens adultos homossexuais. *Rev Psicologia em Foco.* 2015;7(9):33-52

Wilson EC, Iverson E, Garofalo R, Belzer M. Parental support and condom use among transgender female youth. *J Assoc Nurses AIDS Care.* 2012;23(4):306-17.

APÊNDICES

APÊNDICES

APÊNDICE 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você _____ está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “ADOLESCENTES HOMOSSEXUAIS E AS RELAÇÕES VIVIDAS COM OS FAMILIARES: um enfoque da fenomenologia social”, como voluntário (a). Esta pesquisa atende aos preceitos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e tem por objetivo compreender a experiência de adolescentes homossexuais frente às relações com seus familiares. Com este estudo, espera-se oportunizar a discussão sobre as questões familiares quando o adolescente tem orientação homossexual. Caso aceite participar do estudo, você responderá a perguntas de entrevista que serão gravadas para posterior transcrição e análise dos dados. Os registros feitos durante a entrevista não serão divulgados aos profissionais que trabalham nessa instituição, mas o relatório final, contendo citações anônimas, estará disponível para todos quando estiver concluído o estudo. Os depoimentos serão utilizados apenas para fins científicos. A pesquisadora assume o compromisso de manter sigilo quanto à sua identidade durante a realização e na divulgação dos resultados da pesquisa – em eventos e publicações científicas – na medida em que as informações coletadas serão identificadas com um código fictício. Esta pesquisa não possui financiamento e, para participar, você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Caso tenha custos com transporte para participar da pesquisa, é de responsabilidade da pesquisadora. A qualquer momento, você poderá pedir informações sobre o andamento da pesquisa, bem como se recusar a participar do estudo, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo. Sua participação envolve um risco mínimo, isto é, passar por constrangimento ao responder a algumas perguntas. O presente termo será assinado em duas vias. Uma ficará com você, e a outra ficará arquivada com a pesquisadora no período mínimo de cinco anos. Se precisar de informações e esclarecimentos, entre em contato com a pesquisadora pelo e-mail: nelymata@uol.com.br ou com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Amapá/UNIFAP, Rodovia JK, s/n – Bairro Marco Zero do Equador - Macapá/AP, para obter informações sobre esta pesquisa e/ou sobre a sua participação, através dos telefones (96)4009-2804, 4009- 2805.

Declaro estar ciente do exposto e desejo participar do estudo.

Assinatura do entrevistado (a)

Como pesquisadora, declaro ter realizado todas as orientações necessárias.

NELY DAYSE SANTOS DA MATA
(96-32176076)98106-0008

APÊNDICE 2

ROTEIRO PARA A COLETA DE DADOS

Roteiro para a entrevista com adolescentes

Parte 1: Caracterização dos participantes

Código de Identificação:

Idade: Sexo: Série na Escola:

Ocupação: Religião:

Renda média mensal: Renda familiar: Mora com:

Parte 2: Questões da entrevista

- Conte-me como foi que você percebeu a sua orientação homossexual.
- Considerando sua orientação homossexual, conte-me sobre sua vivência com seus familiares.
- O que você espera do convívio com seus familiares?

ANEXO

ANEXO**PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AMAPÁ - UNIFAP

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: ADOLESCENTES HOMOSSEXUAIS E AS RELAÇÕES VIVIDAS COM OS FAMILIARES: um enfoque da fenomenologia social.

Pesquisador: Nely Dayse Santos da Mata

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 45984815.7.0000.0003

Instituição Proponente: Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.197.641

Apresentação do Projeto:

A pesquisa terá abordagem qualitativa, a presente investigação está sob o prisma da fenomenologia, que busca compreender o mundo tal como ele se apresenta à consciência humana (Guimarães, 2013). Essa consciência está ligada à intencionalidade, portanto, o indivíduo volta-se para algo atribuindo-lhe significado diante de uma dada experiência. A fenomenologia social de Alfred Schütz foi eleita para desvelar o fenômeno adolescente homossexual e relação com seus familiares. Para fundamentação da pesquisa, serão utilizadas as seguintes concepções da obra de Alfred Schütz: mundo da vida, intersubjetividade, situação biográfica, acervo de conhecimentos, ação social, motivos porque e motivos para, além da tipologia compreensiva. Para obtenção dos dados será utilizada a técnica snowball sampling e entrevistas. Os participantes serão 13 adolescentes de 18 e 19 anos. Inicialmente será realizada a leitura criteriosa de cada depoimento com vistas a obter a compreensão da experiência vivida por adolescentes e familiares frente à homossexualidade. Em seguida, serão agrupados os conteúdos significativos dos depoimentos para a composição das categorias concretas do vivido. A análise e compreensão do tipo vivido do grupo de adolescentes será à luz da Fenomenologia Social de Alfred Schutz e outros referenciais relacionados a temáticas. Critério de Inclusão: Ser adolescente e alfabetizado, ter idade de 18 e 19 anos, estar

Endereço: Rodovia Juscelino Kubistcheck de Oliveira - Km.02
Bairro: Bairro Universidade **CEP:** 68.902-280
UF: AP **Município:** MACAPA
Telefone: (96)4009-2805 **Fax:** (96)4009-2804 **E-mail:** cep@unifap.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AMAPÁ - UNIFAP

Continuação do Parecer: 1.197.641

vivenciando a homossexualidade, residir na Capital Macapá/Ap. Critério de Exclusão: Estar fora dos critérios de inclusão já citados. Os participantes do estudo serão selecionados, conforme a técnica metodológica de snowball sampling (bola de neve). De acordo com esta técnica, o primeiro participante é uma pessoa próxima do pesquisador e, por isso, é escolhido por conveniência. Este indica outro, que por sua vez, indica um terceiro, e assim por diante. A eficácia deste método vem sendo reconhecida como significativa em uma variedade de casos, sobretudo em situações em que estudam minorias populacionais. Por vivenciarem situações conflituosas, geralmente, essas populações são marginalizadas em algum grau, tornando difícil o acesso à essa população pelo pesquisador. (Cohen, Arieli, 2011)

Objetivo da Pesquisa:

Compreender a experiência de adolescentes homossexuais frente as relações com seus familiares

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos são mínimos, isto é, passar por constrangimento ao responder a algumas perguntas e esse poderá desistir a qualquer momento.

Benefícios:

Oportunizar a discussão sobre as questões familiares quando o adolescente tem orientação homossexual; Subsidiar discussão sobre a orientação homossexual, oferecendo caminhos para compreensão dos significados atribuídos pelos adolescentes; Contribuir o mínimo que seja, na mudança de paradigmas no contexto da família diante da homossexualidade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Relevante e exequível.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE foi devidamente apresentado e escrito de maneira clara e objetiva, contendo as informações obrigatórias.

Recomendações:

Sem recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto relevante e exequível.

Endereço: Rodovia Juscelino Kubistcheck de Oliveira - Km.02
Bairro: Bairro Universidade **CEP:** 68.902-280
UF: AP **Município:** MACAPA
Telefone: (96)4009-2805 **Fax:** (96)4009-2804 **E-mail:** cep@unifap.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AMAPÁ - UNIFAP



Continuação do Parecer: 1.197.641

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto Nely Pós defesa 08 06 15.doc	09/06/2015 00:21:17		Aceito
Folha de Rosto	Folha de Rosto do Projeto.jpg	09/06/2015 10:34:33		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLENelyDayse.docx	24/08/2015 15:27:07	Nely Dayse Santos da Mata	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_533564.pdf	24/08/2015 15:27:28		Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MACAPA, 24 de Agosto de 2015

Assinado por:

Anneli Mercedes Celis de Cárdenas
(Coordenador)

Endereço: Rodovia Juscelino Kubistcheck de Oliveira - Km.02
Bairro: Bairro Universidade **CEP:** 68.902-280
UF: AP **Município:** MACAPA
Telefone: (96)4009-2805 **Fax:** (96)4009-2804 **E-mail:** cep@unifap.br